

DO
MEU
CANTO,

Revista Literária
nº 4 • ano III

EU
CONTO

Sesc



Siga-nos! sescpe.org.br   

Revista Literária DO MEU CANTO, EU CONTO

NÚMERO 4 | ANO III

Sesc Petrolina - 2024



SUMÁRIO

Ariane Samila Rosa	7
André Vitor Brandão	8
Agnaldo Nunes de Almeida	10
Beber com moderação prejudica?	12
O sorriso da cachorra	14
Ana Júlia Lima	16
A porta	18
Espelho d'água	20
Nascimento no rio.....	23
Andréa Karla Menezes	20
A sombra	24
Psicopatia	26
Sem palavras	30
Antonise Coelho de Aquino	30
O vexame	32
Xeque-mate para a amizade	33
Diêgo "Mashur Sem-a Pytá" Milhomens	42
O Menino Entanguido pelo Puim	46
O Mistério de Belladona	48

Fátima Tenório Pimentel	54
A casa	56
Saia nos joelhos	58
Elisa Azart	60
Anestesia	62
O felino hipotético.....	64
Sapato de Luzinha.....	68
Lara Raquel Carvalho Ferraz	70
A hora favorita	72
Bodas de ouro	74
Estrelinha	76
Meu pai	80
Vânia Ramos	84
O encontro	86
Uma grande aventura	88
Uma viagem interrompida	89
Weslly Pimentel	90
Não me lembro da minha infância.....	92



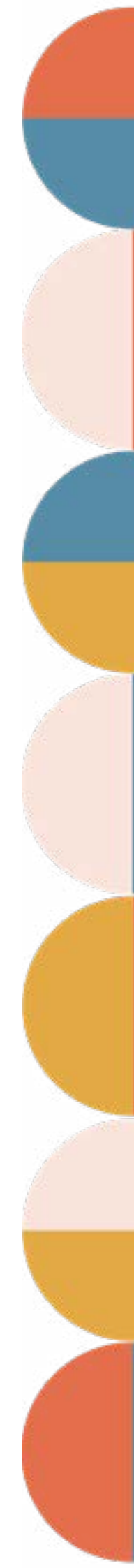
Foto: Divulgação

Ariane Samila Rosa

Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA. Graduada em Letras - Português pela Universidade de Pernambuco UPE (2011), especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (IEDUCARE- FIED) e Tecnologias Inovadoras Aplicadas à Educação (IF - Sertão).

Desde 2013 é professora de Artes - Literatura do Serviço Social do Comércio (Sesc) em Petrolina-PE, onde coordena os projetos Entre Margens: encontro com a literatura, Meu Conto Preferido, o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Literatura (Nepel) e o Curso de Escrita Criativa.

Mãe de Sophia, Billy e Lunna é uma leitora eclética e apaixonada.





A LITERATURA COMO DEMOCRACIA, DIREITO E REVOLUÇÃO

*André Vitor Brandão **

O ser humano parte sempre, e todas as suas ações o dirigem para tal caminho, em busca da liberdade. Então, quando se considera que a liberdade é uma desvinculação total do poder a que se é submetido, dentro do universo lingüístico não há maneiras de ser livre. Só resta, pois, ao homem, a fuga da linguagem por meio de uma trapaça lingüística utilizando-se da própria língua: Essa trapaça, salutar, essa esquivada [...], eu a chamo, quanto a mim: literatura. (id., ib., p. 16).

O conceito de Literatura descrito por Roland Barthes que inaugura esse texto não é definitivo e nem pretende dar conta das possibilidades de entendimento dessa linguagem na contemporaneidade, pelo contrário, a definição proposta por Barthes é um espaço de profusão de outras possibilidades conceituais. Poderíamos, pois, pensar a Literatura como esse espaço de liberdade, como o acontecimento da palavra, seja ela: escrita, falada, cantada, performada e/ou fabulada.

Por sua vez, o Sesc Pernambuco através de seu compromisso com o desenvolvimento das diversas dimensões que compõem os sujeitos

e, sobretudo, pelo seu direcionamento na Arte Educação enquanto política de atuação nos diversos territórios, entende a Literatura como lugar de transformação das pessoas e dos lugares. Através de suas diversas realizações como, por exemplo, cursos, mostras, festivais, oficinas, debates, palestras, entre outras, entende que é possível produzir autonomias, visibilidades e transformar realidades através da palavra.

“Do meu canto, Eu Conto” é fruto do trabalho sistemático que o Sesc Petrolina vem desenvolvendo nesta linguagem e que, por sua vez, está amparado na tríade da fruição, fomento e formação onde os alunos são convidados a experimentarem a Literatura em suas múltiplas possibilidades. Logo, os textos que compõem a revista foram gestados durante as aulas do Curso de Escrita Criativa e dão vazão as reflexões, incômodos e problematizações acerca do nosso tempo presente.

Sendo assim, as palavras nessa publicação para além de assumirem funções poéticas e sintáticas ocupam posições políticas diante do mundo, são armas de uma revolução em curso que se propõe a reinventar o mundo na busca de outros espaços de convívio e sociabilidade que produzam felicidade e bem viver. A palavra em estado de poesia é democracia, direito e revolução.

** André Vitor Brandão é Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (UNEB), pós-graduado em Dança Educacional e Artes Cênicas (São Fidelis) e licenciado em Artes Visuais (UNIVASF). Atua como curador, ilustrador e bailarino. Desenvolve trabalhos em ilustração para livros de contos e poesia. Ilustrou os livros Trinta Contos Para Não Morrer (2013), Denso e Leve como o Voo das Árvores (2015), Tábua de Marés (2016), Sarapopéias Vice-Versa (2017), entre outros. Atualmente é Supervisor de Cultura do Sesc Petrolina.*



Foto: Divulgação

Agnaldo Nunes de Almeida

Administrador de Empresas, Pós-Graduado em Marketing e Escritor das Obras: Obstáculos que incentivam, Apenas uma Vida e Vidas Dormentes. Produtor Rural do Vale do São Francisco.

Nasceu em Lençóis-BA (Chapada Diamantina) em 27/01/1953, analfabeto até os 20 anos é apaixonado por leituras de contos, crônicas, romances, poesias e cordel. Seu maior hobby é escrever sobre qualquer coisa que está ao seu lado, porque escrever é muito simples é só “Correr Riscos no Papel”.



Beber com moderação prejudica?

Foi uma indagação que certa vez ouvi de uma pessoa que estava junto a um grupo de amigos, bebericando para comemorar um trabalho realizado com sucesso. Na euforia dos presentes, sua dúvida sequer foi respondida. Aquela comemoração foi até altas horas, quando alguns, muito embriagados, precisaram ser levados para suas casas por pessoas que não faziam parte da turma. Isso é um fato muito comum à maioria dos que se tornam alcoólatras. Começam em pequenas reuniões, festas e depois de algumas decepções com a própria vida ou com pessoas de suas amizades, de modo que toda vez que alguma coisa lhes acontece, contrariando suas percepções e desejos, a bebida ocupa esse espaço para superar aborrecimentos do cotidiano de maneira sutil.

No entanto, ela se torna inimiga de um modo camuflado sob o manto do socialmente aceitável. E assim, carrega os indivíduos para a dependência física e psicológica, dando-lhes uma sensação de autonomia sociocultural. Raramente acontecem casos de uma pessoa viciada pedir ajuda para sair dessas situações, pois na maioria das vezes, não tem consciência do que estão fazendo, com sua própria vida.

O efeito relaxante das doses iniciais dá uma sensação de bem estar, porém à medida que as ocorrências vão se repetindo, há um aumento de consumo com situações irrecuperáveis. Porque se de um lado é difícil o convívio com uma pessoa embriagada, incômoda são as consequências dos males provocados pelo vício e a dependência química que a cada dia, exigirá mais o uso de álcool, seja de qual forma for, como: cervejas, vinhos, drinks, que o levará ao consumo inconsciente de outras drogas ilícitas. Com tudo isso acontecendo, há mais riscos

de: acidente de trânsito, participação em crimes, furtos, violência doméstica e degradação humana, passam a fazer parte dessa pessoa, que apenas queria saber se beber com moderação era permitido e não fazia mal? Ledo Engano, porque às vezes na vida “o difícil é começar” e depois que começa, “o difícil é parar”. Essas reflexões respondem ao questionamento inicial, de que beber com moderação não prejudica.

Não é fácil recuperar um dependente do álcool, porém o que mais agrava a situação é quando familiares querem resolver a questão, sem o consentimento do dependente, levando-o involuntariamente a uma clínica de tratamento. Porque no retorno ao lar, a maioria dos casos piora.

Então, é importante que antes de alguém tomar a iniciativa, se aproxime e discuta abertamente com a vítima sobre as consequências do uso do álcool de modo amigável. Talvez esse processo seja mais demorado, mas tem mostrado resultados melhores com as clarezas dos danos existentes para o dependente e os que estão ao seu redor.

Enquanto vivermos em uma cultura que estimula e facilita o consumo de bebidas alcólicas não teremos soluções eficientes para combater as sequelas que afetam todos e em todos os níveis sócio, econômico e cultural do nosso povo.

Agnaldo Nunes de Almeida



filho várias vezes que não a ouve. A adrenalina sobe, o medo é apavorante, fica trêmula, as palavras quase não saem, quando de repente sem se mover, balança a cauda e anuncia um gesto de amizade, demonstra alegria com apenas, um sorriso de cachorra. Uma pequena cadela marrom que se misturava a terra para cumprimentar aquela senhora proprietária.

Agnaldo Nunes de Almeida

O SORRISO DA CACHORRA

É a história que me lembro. Ainda no mês de setembro, mês das flores, do sol quente, dos amores envolventes. A seca estabelecida chegara muito mais cedo que de costume e a caatinga estava parda. Parecendo com a própria terra, esturricada e sem vida, o vento mal balançava as folhas caídas ainda que dependuradas a cada árvore, ressentida pela seca que te negava a própria vida. Não há folhas verdes, orvalhos ou qualquer umidade, o solo está rachado, tentando respirar pela boca de uma abertura trincada, à espreita das chuvas para a florada dos umbus.

O sol desponta nos horizontes do Leste, uma bola de fogo avermelhada e reluzente. Não há cinzas, mas o calor começa a queimar tudo que alcança. A cena é terrível, um fogaréu sem fumaça. Vivo e intenso fumega em chamas.

Ela desce do carro e em meio aquele cenário, um profundo silêncio paira no ar. Pisa nas folhas ressequidas que ao quebrarem com o recalque de seus pés, deixam marcas que são confundidas com as cores da paisagem de tons amarronzados, transformados por seguidos meses de seca. Não pensa em nada, despreendida, mas cautelosa segue a passos lentos rumo a um pé de umburana, tocada pela brisa daquelas manhãs, de sol abrasivo, ventos fracos, deslumbrantes, respiração ofegante.

À espreita de uma neblina para os umbuzeiros, que neste ano não veio fertilizar a florada. Mas, este ano podia ser diferente. Enquanto seus pensamentos envoltos e consternados relampeiam umbus maduros e deliciosos sem perder a visão entre o solo e a paisagem, algo não identificado surge à sua frente com um olhar incisivo e dentes reluzentes aos raios solares, insuflando seu caminhar. Imóvel, chama por seu

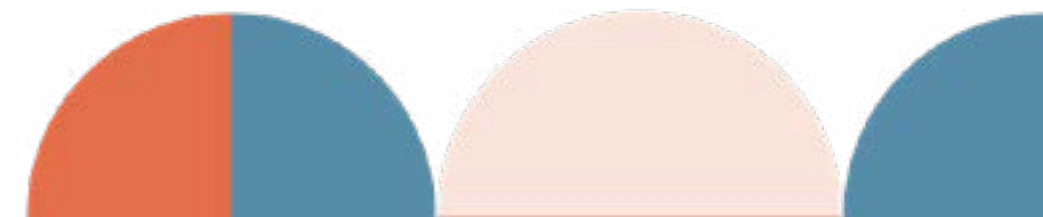




Foto: Divulgação

Ana Júlia Lima

É natural de Juazeiro, no interior da Bahia. Professora de Língua Portuguesa e Literatura. É consumida pela arte, que é a sua única salvação, e transborda por meio de poemas e contos que lhe surgem no desassossego.

Participou das antologias Canarinho (2018), Corpo que Queima (2019), Flores no Deserto (2019), Versos em Pandemia: Retalhos de um Tempo (2020) e I Antologia Literária das Mulheres do Vale do São Francisco (2021).



A PORTA

Escuto os dias correrem sobre o chão onde a poeira encontrou morada. Nomes impronunciáveis, plantas secas e cheiro de abandono. O caminho até a casa do tio Joca é uma descida sem fim àquela manhã de setembro. As esquinas estão impregnadas pela sua sombra que perambula pelo bairro, assim como ele fazia. Não importava a hora que eu decidisse sair, se me atrasasse para compromissos cotidianos, tio Joca ainda estaria lá, marchando em direção à morte.

Entro na casa e tento não olhar para a porta do seu quarto. Faço de tudo para não demorar, por isso, meu avô acha que estou sempre atrasada quando passo para deixar o almoço. Passei anos fitando a porta sem nunca adentrar no seu mundo. Não sei se meu tio guardava cd's, se acumulava roupas sobre uma cadeira ou de que cor eram as paredes que presenciaram seu corpo se contorcer de angústia. Mais um dia e mais uma vez não olhei para a minha destruição. Tenho esse hábito desde o acontecimento, tento me enganar de que só existe um portal capaz de me transportar para aquela manhã, mas ao pressionar meus dedos sobre o chão, lembro de como ele gostava de estralá-los quando estavam pendurados no sofá. Quando ouço batidas no portão ao final da tarde, espero que alguém responda “ninguém” quando eu perguntar quem é, assim como ele fazia. E que eu possa dizer “a lugar nenhum” quando ele me perguntar aonde vou. Porque desde que ele pôs fim em tudo, eu só quis não ter que ser alguém e não ter que ir a lugar nenhum.

As paredes feitas para sustentar as casas e dividir os cômodos, sustentavam nossos corpos, apoiados por horas a fio em festas de uma família decorativa. Ninguém sabia mais quem havia construído o concreto que nos separava de todas as pessoas que deviam nos acessar

em campo aberto, mas o corredor que unia o tio Joca a mim, foi feito por dois olhares silenciosamente desesperados.

O tempo devora meu corpo que endurece sobre o chão. Estamos cada vez mais ligados. Meu relógio desperta sempre à mesma hora. Minhas tias dizem que nós nunca vamos saber o que ele passou enquanto esteve fora da cidade, tentando se encontrar no desconhecido, mas acho que nunca saberemos o que ele passou atrás daquela porta, em seu quarto, quando todos estavam em suas casas quentes, acalentados pela família, e ele só tinha o barulho do fantasma que o meu avô se transformou. Sozinhos em uma casa feita de dor, o álcool era o único que o tocava.

Eu preferia nunca ter entrado. Só se parecia com ele, mas não era. O nosso Caronte foi o tempo, e nós não éramos Dante ou Virgílio nessa história, não fomos heróis, não chegamos a algo perto de um paraíso. Não sobrou muito para ser devorado, já que morremos um pouco a cada dia. Vagando no inferno de nossas próprias mentes pelo rio Aqueronte, abandonamos sonhos e esperanças. Ao atravessar, finalmente, a porta, não havia mais vida em nenhum de nossos corpos.

Ana Júlia Lima



ESPELHO D'ÁGUA

O sol escaldante transformava minha sombra na única companhia que tinha durante as andanças de todos os dias. Quando chegava à cacimba dos Ferreira, a minha recompensa era ver o meu rosto refletido na água, o único momento que me lembrava de ser alguém. Parecia gigante com a lata na cabeça, com mais idade do que os meus dedos miúdos entregavam. Mainha, sim, tinha mãos enormes. Mãos de varrer terreiro, carregar lata d'água, colocar menino no mundo e sustentar todo o peso do seu legado. Maria das Dores, filha de Maria dos Mártires. Eu não me conformava que alguém pudesse ter um nome assim. Minha mãe foi destinada a sofrer com título e tudo, mas para mim tentou traçar um rumo diferente. Colocou-me para brincar junto com a filha de seu Raimundo para aprender o que ela aprendia na escola, mas ler e escrever, que era o seu maior desejo para mim, ninguém foi capaz de ensinar. Nem a menina, que foi criada junto comigo, que bebeu do leite da minha mãe, via serventia nisso. “Não existem palavras em uma trouxa de roupa”, caçoou dona Amélia quando mainha apelou, pela última vez, para me liberarem para o estudo.

A única tarefa que eu não me importava em fazer era carregar água. Havia espelho na casa dos Ferreira, mas se me pegassem enquanto eu demorava meus olhos na minha própria imagem, era capaz de receber mais serviço do que poderia aguentar. Eu sabia do legado da família desde que nasci, mas quando mainha se foi, tudo ficou mais pesado.

O areal do Riacho Seco era como um deserto onde caminhava para matar a minha sede. A água que puxava com dificuldade só tinha importância dentro da cacimba, mas naquele dia, algo havia mudado. Olhei para o meu rosto e não enxerguei mais os traços da minha mãe. Será que a

água tinha ficado suja? Lavei os olhos, abri-os bem e ainda assim, a minha cara estava turva. Subi nos tijolos que formavam a cacimba para me ver por completo. Ainda estava lá, embora meu rosto parecesse mais um borrão. Nesse dia, tive mais tempo para olhar ao redor, como quem procura por uma resposta. Havia resquícios de outras presenças. Tudo que sabia sobre a minha família era que era composta por mulheres que serviam aos Ferreira há séculos, “como uma dívida que nunca foi feita”, mainha dizia. Retalhos de vestidos enlameados, botões, presilhas de cabelo: pedaços de mulheres carregadoras de água.

Voltei para casa sem nada, e de cabeça baixa para que ninguém reparasse em mim. Enchi a lata e derramei tantas vezes para ver se havia algo de errado naquele espelho, que esqueci que deveria voltar com a lata cheia. Como já estava anoitecendo, dona Amélia achou por bem mandar um vaqueiro ir buscar. A janta não sobrou, ela me disse, quando encostei na porta da cozinha ao final da noite. Não fez força para me olhar. Para completar, o querosene do candeeiro havia sumido, logo hoje que precisava ao menos da minha sombra. Na escuridão, a fome de tudo me engolia.

No dia seguinte, fui a primeira a levantar. Peguei os óculos de seu Raimundo na estante, voltaria tão rápido que ele nem daria falta. Preparada, agarrei minha lata e desabei para o Riacho Seco. Assim que o dia rompesse, conseguiria me ver, como sempre vi. Agora já não lembrava mais quais eram os traços da minha mãe, mas ela dizia que tínhamos os mesmos, então devia ser. Eu lembro mesmo é das suas mãos, sempre em movimento, e de quando acariciava meus cabelos antes de dormir. Por poucos instantes me sentia uma criança.

Já havia luz suficiente agora, mas para a minha surpresa, no meu rosto, apenas o vazio. Não existia gente sem rosto, até onde sabia. Não comi nada de diferente, não peguei sereno, a cacimba só pode ter levado meu rosto enquanto olhava para dentro dela, pensei. Não sabia nadar, nunca houve água no riacho para aprender, mas ia apenas tentar chegar mais perto, tentar agarrar o que foi perdido, pendurada pelos pés. Toquei a água, mas nada aconteceu. Não conseguia mais retornar ao chão. De repente, várias cabeças sem rosto surgiram no espelho d'água. Olhei por cima dos ombros, devia ser alguém para me resgatar, já estava há horas fora de casa. Com um sobressalto, me assustei por não ver nada além do céu azul. Ninguém nunca mais lembrou do meu rosto. Nunca mais ouvi chamarem meu nome. Maria das Águas.

Ana Júlia Lima





Fotografia de Eivaldo Macedo Filho

NASCIMENTO NO RIO

Da canoa Muritiba
lancei-me inteira
não há aperto
barriga vazia
desconhecidos a me espreitar
chinelo quente sobre a pele
conhecidos a me abandonar

o concreto dos dias
dissolve-se nas águas
sotero meus pés na lama
a espera do nascimento das raízes
enquanto o sol ainda queima
amanhã tento outra vez.

Ana Júlia Lima





Foto: Calinda Cratus

Andréa Karla Menezes

Graduada em Letras-Português e suas literaturas e especialista no ensino de língua portuguesa pela Faculdade de Artes do Paraná.

É apaixonada pelas histórias “desde que era antiga”, como dizia Clarice Lispector.

Foi professora convidada na UPE e professora substituta do Instituto Federal do Sertão-PE.

Foi uma das mediadoras do Leia Mulheres Petrolina por alguns anos até mudar de cidade.

Hoje está como coordenadora pedagógica de um centro de educação popular não governamental e sem fins lucrativos.

Enxerga na literatura a sua principal rebeldia: a de ser reflexiva e transformadora.

Em alguns momentos, ousa escrever.



A SOMBRA

Ao sentir os primeiros fios solares apontados pela janela através da cortina mal fechada, Liz se esforça para abrir os olhos. Luta constante dos 6 longos anos de trabalho como secretária numa corretora de seguros. Trabalho não mais forçoso do que os 4 anos num escritório de advocacia medíocre. Ambos trabalhos monótonos, mas não menos monótonos que a vida de Liz. Por fim, abre os olhos e mira o teto, onde se encontra um grande ventilador velho, que gira numa velocidade lenta. Lenta como cabeça e olhos de Liz. Seus pensamentos estancam ao lembrar-se das imagens do dia anterior. Ao sair do trabalho, já noite, encontra a avenida repleta de transeuntes vestidos com fantasia de vida normal. Prefere não pegar o ônibus, sempre lotado. Não mora tão longe assim. Decide escolher o frescor do vento a ter que aturar o cheiro e mistura de suores e esfregaços indesejados.

Entra numa viela não muito iluminada. Crianças brincam na calçada de esconde-esconde. Morar numa cidade que ainda não sorveu completamente os trejeitos de cidade grande tem suas vantagens. Pessoas ainda têm o direito de serem donas de suas calçadas e desfrutar delas.

Enquanto caminhava numa calçada com um grande muro branco e sujo de uma casa, começou a observar sua sombra. Sente uma ponta de inveja da altura dela. Liz sempre quis ser alta. A sombra lhe parece ereta, imponente. Não é Liz, que sempre andou um pouco curvada. Parece que a sombra adquiriu vida própria. Dona de si. Liz para diante da superioridade da sombra. Esta, no alto da sua supremacia, revela a fragilidade adocida de Liz que logo sente um frio lhe descendo pelas pernas. Sente que pode, a qualquer momento, ser sucumbida. Um frio

agora está misturado ao seu suor, que desce da testa para os seios e da nuca às costas. Percebe a sua imensa desvantagem em deixar-se ver suas carnes trêmulas enquanto não enxerga fraqueza alguma da sombra, que poderia estar rindo sem sequer ser notada. Diante de tamanha desvantagem, Liz sente que sua existência está por um fio. Aquela sombra poderia a qualquer momento sair da parede. Seria só questão de vontade e segundos. Tudo dependia dela e do desejo de destruir aquela mulher sem existência própria. A cabeça de Liz girava enquanto a sombra mostrava-se inabalável.

As pernas de Liz já não suportavam o seu corpo. Encostou-se a uma árvore e foi descendo lentamente até alcançar uma pequena parede que rodeava a árvore e ali pôde ficar meio sentada. Fechou os olhos. A saliva havia sumido e sua garganta era um deserto. Sua respiração era sôfrega e o coração palpitava ao ritmo de um violino estrangulado. Todos os medos de Liz lhe vieram à tona. Sabia que se abrisse os olhos se depararia com ela, a sombra. Ela ainda prefere ficar de olhos fechados. Sua vida registrada no seu consciente passa como um filme. Conclui que tudo fora pura inércia. Medo de existir. Medo de ser e de sentir. Mas o que aconteceria se ela comesse a se mover? Mover-se de fora. Mover-se de dentro. Mover-se de cabeça. Mover-se de pés. Mover-se de gritos, ainda que inaudíveis. Mover-se com o botão do automático desligado era estranho, pensa. Se agarrou a essa epifania e, depois de algum tempo, aos poucos, ela começa a se tocar, bem devagar. Sente o seu cabelo, seu rosto, braços, tronco, sexo e coxas. Sente sua respiração, que agora estava um pouco mais desassomburada. Sente que o suor parou de escorrer e que seus medos, naquele instante, causavam-lhe uma espécie de conflito reconfortante. Afinal, aquela sombra com muita potência havia ensinado algo. Ensinou a mover-se. Liz ainda de olhos fechados se levanta. Sabia que ela, a sombra, continuava ali, olhando para ela. Mas agora sabia que poderia sobrepor-se. Abriu os olhos, olhou para a sombra, virou e começou a andar. Ela estava ali, bem ao lado dela. Era ela, o seu próprio movimento.

Naquela manhã, Liz, deitada, ainda olhando para o ventilador de teto, sentiu uma satisfação estranha. Agora parecia compreender em carne e mente o que era o estalo do movimento, brotando daí um cheiro de desejo que lhe convidava a conhecer o sabor que teria sua essência.

Andréa Karla Menezes



Das mazelas triunfantes, troféus enfileirados na estante do seu ego inflado e insaciável. Das que estão por vir, enquanto espera, gotículas de suor vão descendo devagar pela sua casca grossa enquanto os olhos se fixam num ponto de desejo visceral, alimentado pela ânsia de sucumbir o filete que ainda resta de alguma conduta moral. Amoral.

E assim, a máquina mortífera vai engenhosamente labutando, sem pressa, dançando com sua doentia inquietude paciente. Sagaz. Rastejante como ofídio. Olhos esbugalhados nos seu trajeto costumaz; prontos para abocanhar suas presas, num enlace resignadamente profético e profano, e abençoa, enquanto esboça um sorriso de Gioconda.

Andréa Karla Menezes

PSICOPATIA

Olhos esbugalhados, boca flácida, resumida num ponto final, crespa e ácida. Unhas como garras de uma fera voraz à procura de carne fresca, sangrenta, inebriante como gozo fatal, lancinante como mil facas de dois gumes. Sua garganta sempre à espreita buscando a quem derramar palavras gélidas e gosmentas. Seus braços cobertos de pele grossa, cascada e fedida que anseia por uma antítese da sua epiderme. Pele cretina.

No apuro dos seus anos de solidão desgastada, apenas o rosnar de sua voz esganiçada serve de companhia. Gasguita. Os seus passos frouxos, preguiçosos de tocar em chão, se dissolvem numa angústia corrosiva por uma ponta de faísca que lhe traga uma sombra de imaginação delirante num palco qualquer.

De quando em quando, a lucidez ameaça chegar. Só chantagem. Não chega. Apenas máscara sacana de olhos miúdos e boca altiva que tenta embalar suas vítimas com um arpão traiçoeiramente encravado nas costas. E ri, ri e ri muito. Não com boca escancarada, mas com metade de sorriso e com dentes pequenos disfarçando os afiadores. Dentes curtos. Malévolos.

A loucura lhe toma por possessão. Um duelo íntimo entre Urano e Gaia pela disputa de vísceras de inocentes mortais que se veem enlaçados no emaranhado do engano com pés vacilantes à procura de um pouso seguro. Sem chance. Medo. E os olhos? Continuam ali, sobressaltados. Prontos a saírem de órbita e correrem atrás do que se propuseram a fazer. Comer gente com os olhos.



SEM PALAVRAS

Não se prenda às palavras
Palavra fechada, quadrada ou
muitos outros contornos de 4 letras

Qualquer um pode vivê-la, mire
A necessidade de não perceber o seu significado
já é uma possibilidade de respirá-la

E já
não
há
ESCOLHA (?)

Andréa Karla Menezes





Antonise Coelho de Aquino

Apaixonada pela leitura e escrita desde criança. Seus pais e avós maternos foram influenciadores dessa paixão. Hoje, está aposentada, mas a escrita tomou fôlego em sua vida. Atualizou e publicou o livro “Ilha do Massangano: uma terceira margem no Velho Chico”, resultado do mestrado em Sociologia pela UFPE. Também teve seu poema “Corpo Pranteia” publicado na Edição Poesias Livres, uma antologia poética, da Editora Vivara Nacional. Em 2023, publicou o livro de Contos “Quase um coração camaleão e outros contos”, pela Editora Scortecci. Dedicou-se às correções linguísticas e gramaticais.



O VEXAME

Nunca esqueci o vexame que passei em minha infância, num daqueles dias quentes de ferver água no assoalho, quando eu e minha mãe fomos a pé numa consulta ao odontologista. Aquela caminhada ajudava a me acalmar e sensação de nervosismo passava logo. Mamãe me disse que retornaríamos de ônibus, para aliviar o tempo que perderíamos com a caminhada no início da manhã.

Ao chegar ao consultório, esperei um tempo para ser atendida e aproveitei para conversar com outros pacientes. Nessas conversas, eu descobri que o meu receio e, até um certo medo, estava presente em outras pessoas. As minhas noites, que antecediam às consultas odontológicas, eram cheias de tensão e mal dormidas. Já durante o atendimento, com o efeito da anestesia, senti-me mais calma.

Daquela vez, eu e mamãe saímos correndo do consultório, pois faltava um pouco mais de uma hora para eu ir à escola. Mamãe já reclamava que o ônibus passaria na hora certa. Apressamos os passos. Senti que algo estranho no meu estômago dava sinais de rebuliço. Tão logo eu me sentei numa cadeira próxima à janela, surgiram as trepidações do transporte e minha barriga doía cada vez mais. Chegaram as pontadas e uma diarreia. Olhei para mamãe e lhe perguntei:

- Mamãe, o que eu faço agora? Minha barriga está doendo muito.

- Filha, aguarde, estamos chegando ao ponto da descida.

Era imprevisível a situação e as dores aumentavam cada vez mais. A roupa já estava molhada. Olhei outra vez para os lados e percebia que

a minha mãe se incomodava com o cheiro que subia, mesmo com as janelas abertas. Ela se aproximou mais perto e murmurou:

- Menina, você está toda suja. Logo que o ônibus parar, vai na frente, não me espere. Ouviu? A parada é em frente à Rodoviária, desça logo.

Fiquei sem entender aquele pedido, já envergonhada, algumas lágrimas caíram lentamente. Sempre chorava, quando me sentia triste ou com raiva.

- Vai logo, pois as pessoas podem notar.

Eu me levantei e puxei meu vestido florido para esconder as manchas. Vi o banco sujo e o mal cheiro exalado crescia junto ao calor. Mesmo o ônibus não estando lotado naquele momento, olhei de soslaio para algumas pessoas que faziam gestos de irritação.

Sai correndo logo que chegamos à parada. Sentia a dor crescer e os arrepios invadiam o corpo. Durante o trajeto, parei e me sentei em uma das calçadas. Minha mãe se aproximou e disse para eu não ficar ali. Não a esperasse e fosse para casa de uma vez. Foi aí que o choro aumentou. Sai em disparada, percebendo que mamãe não queria minha presença ao lado dela. Mais adiante, fiquei sentada outra vez no paralelepípedo que pegava fogo naquele horário.

Olhei para minhas pernas e vi a sujeira descendo pelas pernas. Estava aflita e me sentindo culpada porque insisti em ir ao dentista, quando já sai de casa com algum desconforto no estômago. A tristeza me fazia chorar cada vez mais. Os sapatos novos estavam sujos e o caminho de casa parecia não ter fim.

Quando avistei a esquina da minha casa, eu aumentei os passos da corrida e logo que entrei, bati o portão com tamanha força que todos em casa correram para a entrada. Vovó que morava conosco, olhou para mim da cabeça aos pés. Tanta sujeira, mau cheiro e muita insatisfação.

- O que aconteceu? Cadê sua mãe?

Silêncio e lágrimas desciam pelo rosto. Fui ao banheiro, com o chuveiro ligado na água fria, eu me molhava na tentativa de limpar o corpo e a alma.

- Menina, por que não responde? O que foi que ocorreu? Você está bem?

- Vozinha, não foi nada demais, apenas passei um vexame no ônibus, pois acho que a feijoada de ontem me fez mal.

- Oxe, menina, todas as vezes que vai ao dentista acontece algo. Cadê sua mãe? Por que ela não chegou?

- Nem me fale... Eu estava fedendo demais e não quis ficar ao lado de minha mãe, por isto vim na frente. Ela está chegando aí.

Jamais contei para ninguém a dor e o abandono naquelas condições. Não fui para a escola naquela tarde. A vizinha cuidou de mim e me deu chás para a barriga melhorar.

De vez em quando, um engraçadinho da família me perguntava sobre o vexame no ônibus. Eu ficava vermelha com a lembrança do fato e procurava mudar o rumo da conversa.

Antonise Coelho de Aquino



Xeque-mate para a amizade

Após a pandemia da covid-19, os fiéis sentiam-se mais entusiasmados para participar das festividades de São José, patrono da Igreja Católica, o qual foi chamado a proteger o Redentor, “José fez como Ihe ordenara o anjo do Senhor e recebeu a sua esposa” (Mt 1, 24).

No dia do encerramento dos festejos, eu e meus pais acompanhamos a procissão antes da missa. Íamos cumprimentando os conhecidos durante o trajeto. Ao chegar à Igreja, o coral começava a cantar. Era o sinal de que a missa se iniciaria.

Fiquei no banco mais atrás, ao lado dos meus pais, respeitando o distanciamento determinado pela diretoria. Por instantes, observei os presentes e me deparei com a dona Jefa, afastada de todos os conhecidos. Mais adiante estava dona Isabel, sozinha. Estranhei porque aquelas senhoras estavam distantes uma da outra, já que sempre assistiam juntas às celebrações.

Guardei a minha observação para o final, quando acompanharia dona Jefa até a casa dela. Indagaria sobre aquela estranheza entre as vizinhas. Ali havia algo.

Apressei o passo ao finalizar a celebração para pegar dona Jefa no trajeto para casa e avisei aos meus pais que nos encontraríamos depois.

-Dona Jefa, o que foi que aconteceu? A senhora saiu numa pressa e nem ficou para a quermesse.

- Não, hoje eu não podia participar. Você viu o jeito da Isabel? Ela

levantou-se e passou um rabo de olho em mim.

- Vocês brigaram?

- Não. É porque eu não aceito esse jeito dela, tenho ódio e quero mesmo brigar com ela. Ela estava me xingando um dia desses, por isso estou com uma raiva daquelas.

- E o que foi?

- Aquela gordona, eu quem joga nela, que estou sentindo mágoa dela. E estou doida para capear ela...

- Mas mágoa, por quê?

- Porque ela fala mal de mim, fica falando a um e a outro, e as pessoas vão me dizendo; falando de mim, uma rapariga daquela, que estava no caritó. Ela que tem raiva de mim.

- Mas a amizade de vocês era tão bonita... sempre juntas.

- Pois é, um dia desses o grupo de orações vinha para a igreja, à tarde, e eu fiquei atrás de um posto esperando por ela passar sozinha, mas a bicha foi cabreira, veio por outra rua, não veio pela rua que eu estava.

- A senhora ia enfrentá-la?

- Não ia? Não ia? Agora eu não vou, ói, eu já briguei mais ela uma vez porque ela andou falando que eu estava saindo com o Carlão, o namorado que ela arranhou. Vê se pode uma coisa dessas, eu, uma mulher casada!

- Humm.

Murmurou algumas expressões...

- Aquela bicha é mole, gordura mole, pois uma vez eu fui em cima dela e ela correu e saiu gritando coisa comigo, porque eu tenho ódio dela, eu tenho ódio da pessoa que fala de mim, eu joga sotaque toda vez que passo na porta da casa dela e grito bem alto, eu joga sotaque para ver se ela quer brigar comigo, mas a bicha não tem coragem...

- Jogar sotaque é o quê, dona Jefa?

- Jogar sotaque é a pessoa que diz coisas com outra mulher, provocando. Fico enfrentando para ver se ela vem. Fingida aquela.

- A senhora acha que ela vem lhe enfrentar mesmo? E seu marido sabe dessa briga?

- Nada, o Zé, meu marido, é muito bom, quieto, não gosta de dar ouvidos a essas besteiras. Noutro dia, ela vinha passando com o Carlão e eu, de longe, gritei para ela, que ela não tinha coragem de me enfrentar... ela não vem de jeito nenhum, eu tenho ódio, ódio mesmo, eu só não dei um cocorote nela ali, porque eu sei que 'nós ia se agarrar', mas não se agarra não, que ela não tem coragem. Mas eles começaram a caminhar rápido e entraram no jardim da casa.

- A senhora ia bater em sua amiga? Na casa dela?

- Eu não ia fazer coisa alguma na casa alheia, tem que ter respeito, eu não ia fazer nada com ela na casa, ali, mas eu queria que ela viesse para ver, mas a bicha não vem nem com o cão, mas qualquer hora, eu pego. Já avisei pelo whatsapp que se eu pegar o caminho para a igreja e ela também, ai você vai ver o que é que nós vamos fazer.

Enquanto ouvia aquela história, fiquei cada vez mais curiosa sobre o assunto. Elas eram tão companheiras, de repente, uma fofoca surgiu e a dona Jefa, que agora tinha um namorado, não precisava mais da companhia da amiga. E os maldizeres se espalharam pela vizinhança, até então, tão pacífica e unida.

Os comentários apontavam o ciúme exacerbado como um dos motivos pelo qual as vizinhas e amigas se separaram. Não havia mais ajuda mútua nas atividades da paróquia e todos ficavam calados e se entreolhavam, quando as avistavam.

Dessas conversas antes da missa e nas atividades paroquiais, como a quermesse, percebi o quanto o ciúme é traiçoeiro, e o quanto a dona Jefa estava insegura e com a autoestima baixa, decorrente da falta de companhia da dona Isabel.

Para completar, dona Jefa, com seu jeito autoritário e dona de si mesma, passava boa parte do dia olhando pelas vidraças das janelas se havia movimento na casa próxima; se dona Isabel recebia visitas do Carlão e, até mesmo de outras pessoas da redondeza. As antigas amigas moravam na mesma rua.

Após meses e meses, a desavença não terminava, por isso Carlão, o namorado de Isabel resolveu investir nos comentários. Carlão percebeu que a dona Jefa não parava de lhe olhar de soslaio, na missa e quermesses. Com seu jeito galanteador, ele lhe fez uma proposta surpreendente:

- Quero namorar você, mulher. Gosto de você e da Isabel. Aceita, mas olha, ninguém pode saber que estou com vocês duas. Eu tenho amor para dar as duas. Dona Jefa se espantou com a investida de Carlão. Logo rejeitou, mas pensou bem. Ela se sentia abandonada pelo marido, que só pensava em ir para a roça, cuidar

dos bichos. Não ligava para ela e o casamento era mera aparência.

Saber se sentir cortejada pelo namorado da amiga lhe deu um orgulho enorme e poderia saber o que a "falsa amiga" dizia para ele na intimidade. Pensou que estaria ganhando o páreo das brigas e dando um xeque-mate para a amizade.

Com o tempo, a comunidade percebeu que o clima de animosidade estava esfriando entre as duas. Dona Jefa diminuiu as espiadas pela janela e passou a cuidar mais da própria aparência. Só ia para a igreja bem arrumada.

Uma noite, o Zé, o marido, soltou uma piada: "Mulher, o que você vê nesta igreja para ir tão arrumada!"

Alguns fuxicos existiam ainda, mas ela não ligou. Chegou até a dar um boa noite para a dona Isabel, que chegava ao lado do Carlão, todo esnobe ao lado da namorada oficial. Quando via a mulher distraída, soltava um olhar cabreiro para a outra que ficava a poucos metros.

Já a dona Isabel nem suspeitava das traições da amiga e do namorado. O que ela queria mesmo era acabar com as brigas e os falatórios. Balbuciou para Carlão:

- Essa Jefa está ficando maluca. De uma hora para outra, começou a querer falar comigo. Você viu? Até me cumprimentou. Ela deveria era pedir perdão pelos palavrões que já me disse.

Carlão balançou a cabeça concordando com a namorada e mudou de assunto. Era melhor ficar calado. Ele tinha certeza de que as amigas voltariam a se falar e ele poderia ficar enrascado com os namoros.

Suspirou e murmurou para si mesmo:

- Vou dar tempo ao tempo.

Olhou ao redor e voltou a prestar atenção na celebração.

Antonise Coelho de Aquino





Foto: Divulgação

Diêgo "Mashur Sem-a Pytá" Milhomens

Poeticamente, na LiteraturArte da PáLavra, eu desabrochei e borboleteei no Poesia no Jardim de Ana, onde conheci Samila, a jardineira da Literatura na minha vida. Através dela, ingressei ao NEPEL (Núcleo de Estudo e Pesquisa em Literatura do Sesc Petrolina), onde estou a desenvolver-me como LiteraturArtEscritor Prosoético (Prosa Poético) da PáLavra, nos recitais, intervenções literárias, produções dos fanzines. Há seis anos, o Sesc Petrolina faz parte da minha vida. O Curso de Escrita Criativa é de suma importância nesse desenvolvimento da LiteraturArte.



O MENINO ENTANGUIDO PELO PUIM

- Acorda Pligicinha, sê dorme demais.

Sim, esse era o meu despertador, dizendo a hora de ir para a escola. Pulei da cama, o cabelo todo amarrotado parecia que tinha enfiado o dedo na tomada, idêntico ao Einstein. Se Clarinha me visse assim, com certeza ela iria zoar da minha cara, aquela guria não perde uma piada. Ah! Mas ela é minha melhor amiga. Também aqueles guris da sala são tudo uns abestalhados, só querem saber de futebol. Ô coisa sem sentido, um monte de guri correndo atrás de uma bola. Eita, bidenga, estou atrasado, também fui ficar avoado pensando naqueles guris. Ah! Deixa para lá.

Afinal, eu combinei com Clarinha que na hora da merenda, eu vou contar uma coisa que aconteceu comigo, a pobre da foca desenhada no meu copo preferido de metal e o puim.

O tempo que durou essa viagem no Fantástico Mundo de Diêgo, foi o que demorou a chegar à escola. Quando me viu, Clarinha veio correndo toda desembestada e me abraçou. Eu disse:

- Guria, tu quer me derrubar é?

- Diêgo, meu filho, faz nove meses que a gente não se vê. Estou com saudades.

- Clarinha do meu coração pé de trovão hahahaha, não precisa chegar assim derrubando os pessoais.

- Diêgo seu abestado, eu toda feliz, por rever meu melhor amigo. Guri nós estamos com 11 anos. Depois que tu viu aquele guri da 5ª B tu anda todo avoado. Meio estressado. Diêgo, eu sou uma menina evoluída, eu sei que tu é gay. Migo e eu, também, penso que estou gostando da irmã do guri que te deixa todo avoado.

- Eita, Clarinha! Ou, melhor, Sabrina Aprendiz de Feiticeira, falta só o Salém, tu adivinhou meu segredo, mas depois falamos desses pessoais que estão mexendo com nosso coração pré-adolescente. Agora temos aula daquele Professor de Português, tu viu ele fechando com a cara daqueles guris babacas da sala?

- Amigo, eu vi, que professor massa.

E após assistirmos aquelas aulas maravilhosas. Já no recreio, enquanto merendávamos, eu disse:

- Clarinha, eu lembrei de uma história que aconteceu quando eu tinha 4 anos. Eu vou te contar, mas preste bem atenção, pois nela há um diálogo com mainha.

- Diêgo, seu danado qual foi a reinação que tu fez?

- Clarinha, escuta, foi bem assim que aconteceu:

Estava eu brincando de fazer comidinha de barro no quintal de casa, todo entretido. Quando escuto:

- Diêgo! Diêgo! Que foi mainha?

- Menino, teu puim vai debutar, está um tempão na mesa.

- Vai o que, de... de...? Que raios é isso? Ah, deixa para lá. Mas aquilo ficou encucando a cabeça, essas mães, mas vou comer meu puim.

Hum, que gostoso.

Após alguns instantes, mainha virou para trás e me viu todo roxo, entanguido. E eu, agarrado no copo de metal sufocava a pobre da foca que estava desenhada no meu copo preferido.

Minha mãe deu uma voadora hailander no copo, e eu, que comia meu puim mais gostoso que pirulitão de parque de diversão, chorei.

E minha mãe virou uma arara.

- Que puim o quê. Tu quase morrendo e querendo saber de puim.

Quando eu terminei de relatar essa parte da história. Clarinha, sendo Clarinha, me interrompeu, com as diretas dela:

- Diêgo, tu é muito esgulepado, ficou entanguido com puim.

- Clarinha, mas puim é muito bom.

- Ô Diêgo, é bom mesmo, mas não precisava comer todo alvoroçado?!

- Clarinha, acabou o recreio, amanhã eu conto, sobre o dia que eu roubei uma cabeça de alho dos temperos de mainha.

- Ah, Diêgo, seu caitirobo.

- Sabrina Clara Salém Aprendiz de Feiticeira, eu caitirobo? Pois vou virar o Caitirobo Homem Entanguido de Puim e vou te pegar, chinela, guria. Se eu te pegar, dê adeus a esse gigolete. Tchi bunfi.

Não me perguntem, só sei que Clarinha e, eu, o Dom Diêgo de Lavega Zorro caímos dentro de um tonel de tinta roxa. Mas isso fica para outro conto, e quem nos salvará dessa colorarâmica queda? Também fica para um próximo dia como demos esses apelidos um ao outro. Aguardem.

Diêgo "Mashur Sem-a Pytá" Milhomens



O MISTÉRIO DE BELLADONA

Faz exatos 15 anos desde a última vez que fui a uma discoteca. Decidi sair da rotina de motorista de táxi e permitir a mim um pouco de diversão. Escolhi a Libera Mondo, ao adentrar, aquelas luzes roxas néons, me ambientaram. Ao olhar o Cardápio de Bebidas uma em específico chamou minha atenção, Varna Psika Tranco (Trantso), em Português e "Quente Transe", em Psíquico. Pensei qual devia ser a brisa dessa bebida? Quando li a composição da bebida: vodka, tequila, belladona, limão, hortelã, manjeriço. Falei:

- Garçom, por gentileza, eu quero a Varna Psika Tranco.

Nisso quando eu bebi, me senti tão dilatado, livre, como se eu voasse. Depois dessa divagação, terminei de tomar a minha mística bebida e fui dançar, dancei tanto, em um movimento sinuoso de cabeça, como uma naja.

Foi aí que vi um rapaz com uma expressão tão magnética, um olhar tão penetrante, não sei se foi o efeito da bebida, minha carência, o excesso de trabalho, ou se me libertava das minhas amarras. Só sei que eu me enchi de coragem e fui até ele, que me recebeu com um olhar sedutor. Tinha fogo, mistério, transe, transa, poesia, deveria ser poeta só pode, e eu o mote dessa poesia do olhar dele, mandei as metáforas para o espaço e o agarrei e beijei. Nessa hora tocou um psytrance, no embalo do ritmo, nos beijamos, trocamos, nossas camisas foram arremessadas pelo ar. No centro daquela discoteca nós éramos o verdadeiro transe psíquico e estávamos em êxtase, nossas anandamidas estavam funcionando ativadíssimas. Até o momento que o telemóvel dele toca e ele atende:

- Estou indo agora. Ah! gato, vou ter que ir, nos encontraremos por aí.

Nisso ele saiu. Nem trocamos contato, muito menos sabíamos o nome do outro. Gargalhei e cantei para mim mesmo: "Vou de táxi, cê sabe, tava morrendo..." não de saudade, mas sim de vontade de levar aquele magnético homem.

O velocímetro do meu coração foi de 0 a 500 em milésimos. Ri de mim mesmo com essa minha analogia. E fui rumo a minha casa, que fica há 5 km e 555 metros da discoteca, dirigindo meu cavalo da Joana D'Arc, sim, o meu Fiat Idea Adventure Locker 1.6 Roxo, com ele ganho meu sustento e me divirto.

- "Levanta viada, vamos agir, vamos agir querida por que não se dorme na Europa". Essa é a Alexa (Inteligência Artificial) me acordando, com uma música que amo de Las Bibas From Viczaya. Eu, de praxe, respondo com outra música, "Buonasera Natasha" de Las Bibas From Viczaya e Natasha Simonini.

Termino minha conversa com a Alexa, vou banhar, tomar café e trabalhar. Mais um dia pelas ruas dessa São Paulicéia desvairada de Mário de Andrade. Tantan, soa o bip. Cliente na Linha.

- Expresso Táxi, Zod. Bom dia, com quem estou falando?

- Bom dia, sou Tep, falo daqui da Estação Artur Alvin, tu estás disponível?

- Tep, estou disponível, sim. Estou no ponto da Estação Brás Cubas, em mais ou menos 40 minutos chego à Estação Artur Alvin e os Esquilos.

- Zod, gostei de ti, és espirituoso. Ah, já que tu estás na Estação Brás Cubas, não se esqueças de trazer um livro de Machado de Assis, que como estou na Estação Artur Alvin e os Esquilos, vou providenciar as nozes.

- Fechado.

Encerrado o diálogo até aquele momento, pensei.

- Espera! Zod, Zod ...

Eu falo comigo mesmo, isso é desde criança.

Esse Tep, que voz magnética, espirituosa. Tenho a impressão de já tê-la ouvido antes. Ah! Isso deve ser coisa da minha cabeça.

- Ô Zod, eu sou o narrador, Hakan, o outro narrador, também conhecido por meu namorado. O Shazan narrará à próxima parte.

- Hakan, certo por um acaso, eu estou falando realmente com um narrador? Isso é muito Clarice Lispector, e eu amo a Clarice.

- Zod, no momento certo tu saberás o porquê dessa comunicação. Mas por

enquanto tu diriges, eu vou lendo para ti trechos dos textos dos Livros de Clarice Lispector.

Para quem chegou até aqui, como o meu namorado Hakan falou, eu sou o Shazan, o outro narrador. Vamos deixar eles com a literária companhia de Clarice e vamos até a Estação Artur Alvin e os Esquilos, pois o Tep está querendo comunicação.

-----#-----

- Eu, o Tep, que sempre fui intuitivo e perspicaz com enredos, tramas, personagens, estou vivendo um conto fantástico? Esse Zod me parece familiar, àquela voz potente como motor de um Lycam. Eu bebi algo? Sei que fui até uma discoteca, dirigi-me ao balcão e naquele Cardápio de Bebidas, mais peculiar que livro de romance científico ao lado de romance fantástico- histórico-regionalista, escolhi a bebida Varna Psika Tranco, a bebi e fui para um canto reservado observar a pista de dança.

Lá avistei um rapaz, fisicamente todo peludo que dançava parecendo uma naja, aquilo me enfeitiçou. Eu fiquei olhando, mirando, tão fixamente, ele pareceu perceber e veio em minha direção. Foi questão de segundos, já estávamos nos beijando, nos tocando, as camisas que nos separavam foram jogadas para o espaço.

- Tep, Tep, Belo Adormecido do Bosque. Acordaaaaa.

- Quem me chama?

- Eu, Shazan, o outro narrador. Todas essas tuas inquietações em breve serão respondidas.

- Shazan! Certo? Deixa eu compreender. Eu estou a falar mesmo com um narrador? Isso é muito Clarice Lispector.

- Ai, ai! Esses dois vão dar muito trabalho. Segunda vez que eu escuto isso. Nem em todos os meus anos de narração. Eu, Shazan e meu namorado Hakan, vimos personagens tão aluados.

- Shazan, é o quê?

- Tep, acalma o coração que logo tu vais saber.

Nisso eu, Shazan, deixo o Tep, mais calmo lá em Artur Alvin e os Esquilos e vou encontrar o meu namorado o Hakan, o outro narrador. No encontro, ele me diz:

- Shazan, missão cumprida, Amor. Agora é com eles.

- Hakan, com certeza fizemos nosso papel. Agora vamos descansar. Chega de narrar à vida dos outros, por um tempo, precisamos de férias. Passaremos agora para eles, o Zod e o Tep. Zod é contigo.

- Eu, Zod, nunca demorei tanto para chegar à Estação Artur Alvin e os Esquilos, mas pelo que o Google Maps mostra, está perto de chegar.

Momentos depois, cheguei à Estação Artur Alvin e os Esquilos e tive um susto.

- Não pode ser! Aquele é quem eu fiquei na discoteca ou estou a ter alucinações? Eu desci do carro, me aproximei, olhei aquele homem de cima a baixo. E impressionado falei.

- Gente, o que aconteceu comigo? Aqui não é a Pérsia, eu não lembro de ter tomado algo de diferente. Vodka, tequila, já bebi com amigos. Espera, foi a Belladona.

Nisso o homem me tira do transe.

- Oi! eu sou o Tep. E tu, o Belladona. Será que o Senhor Belladona, poderia me levar daqui.

E, eu, Tep conduzi o Zod Belladona até o carro. Perguntei para descontraír:

- Zod Belladona, já estás mais calmo? E o Zod, já brincando, sinal que estava feito do susto, disse:

- Sim, senhor, Tep Belladona, estou bem. Espera, pela Deusa Ísis. Não pode ser! Agora faz sentido o que o narrador Hakan me disse, tu és o homem que eu fiquei ontem na discoteca.

- Zod Belladona, tu acabaste de mencionar narrador? Eu também fui abordado pelo narrador Shazan, juntando os enigmas que nos disseram, o casal de narradores. Sim, nós ficamos ontem na discoteca. Se bem que pelo menos eu, me senti em um quente psíquico transe, quando te beijei e senti esse ser o homem da minha vida, e tu?

- Zep Belladona, eu senti o mesmo. Zep, tu já paraste para pensar a origem do teu nome, do nosso nome, do nome dos narradores?

- Zod, nesses anos de Literatura, essa é a primeira vez que penso sobre isso. E agora com calma, tenho vontade de saber.

- Tep Belladona! Tep, vem do Masr El'Arablii (árabe egípcio) ZepTep - Novo Tempo. O meu, Zod, vem do Fórsii (persa) ShaharaZod - nascido e nascida da poesia e dos

narradores Shazan é uma espécie de portal e Hakan - Guardião.

- Zod Belladona. O senhor, meu nobre taxista, poderia levar esse nobre poeta a algum lugar ao qual possamos nos conhecer melhor?

- Tep Belladona, iremos agora.

E partimos.

- Tep, primeiro, quero que conheças o recanto desse Urso Forsii- Persa que vos convida.

- Zod, convite aceito por esse Urso Masr- Egípcio.

-----#-----

Fomos até o recanto do Zod, meu "urso persa". Chegando, que lugar maravilhoso, perfumado, com notas de: almíscar, sândalo, patchouli, incenso, ylan ylang, lavanda. Gente, eu caso com esse homem, se ele não pedir, eu peço a mão dele em casamento. Eu em êxtase pelo ambiente, e de repente ele, meu Zod Belladona, me tira do meu transe.

- Tep, eu preparei uma bebida especial para nós. Pensei em pedir algo pelo aplicativo, mas enquanto tu estavas imerso em teu transe. Eu ao chegar à cozinha, vi sobre o balcão um bilhete. Curioso estou, quem entrou aqui e deixou este bilhete? Mas fui ler e estava escrito:

"Para o casal mais inusitado, ao qual já narramos a história.

A de vocês é única, lembra quando Hakan e, eu, Shazan, nos conhecemos. Nós somos um casal tal como vocês. Em comum, temos a coincidência de não somos dessa dimensão. Nós, Shazan e Hakan, deixamos para vocês os ingredientes da bebida que vocês tomaram quando se conheceram. Estão na geladeira na última prateleira. As frutas, ervas, as bebidas ao lado do bilhete. Brindem esse novo ciclo, se amem e amanhã, estejam às 09 horas em frente a Discoteca Libera Mondo. Beijos do Casal de Narradores Amigos Íntimos de Vocês."

- Zod, vamos fazer isso mesmo, Lindão. Tenho um pedido a fazer. Me sinto tão conectado a ti, não foi a quantidade do tempo em que estamos juntos, mas sim a sinceridade, a intensidade, sinergia, sintrofia desses momentos, os psíquicos, psicodélicos transes. Eu te Amo. Aceita namorar me?

- Teppp Belladona. Aceito, sim. Lindão, assim eu choro, não vale fazer os pessoais chorarem, não posso borrar a maquiagem.

- Zod, então vamos comemorar com o nosso drink. Tchim Tchim Uhmmmmm.

E juntos dissemos em coro:

- Belladona. Somos o casal mais psicodélico que existe. Somos o Casal Belladona. E brindamos. O clima esquentou, nos despimos ali mesmo, não foi só sexo. Foi, amor, transe, transa, fusão de seres, viagem no ser do outro. Não dormimos essa noite. Vimos nascer o dia. Sim, como canta o Poeta Cazuzza "Pro dia nascer feliz", nos levantamos do chão da sala e corremos nus, livres pelo nosso recanto, tão felizes como nunca antes.

- Zod, Amor. Ai, ui eu tenho cócegas seu maluquito.

- Tep, pelo Amor da Deusa Ísis. Que horas são?

- Calma RapiZod, que tu não vais fazer corrida.

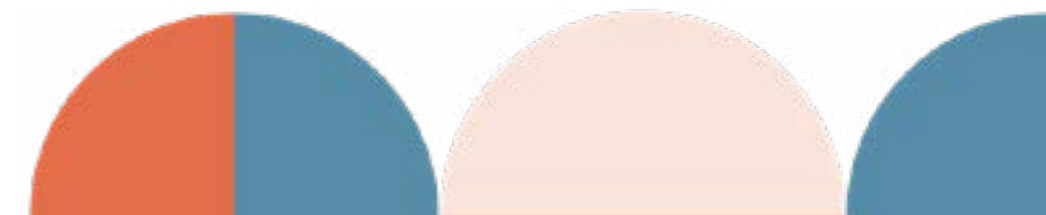
- Tep, seu fresco eu vou te mostrar o que é RapiZod, vou te encher de cócegas.

- Zod, Zod, nós somos como a música do Lenine "Fogo e Gasolina" se nos tocamos um ao outro. Vai Ser "Amor em cima da cama, debaixo da escada, amor com jeito de virada".

-Tep, mas que tu estás todo musical. Te arrumas precisamos ir. Hakan e Shazan nos aguardam lá na discoteca.

E fomos, chegamos lá foi um festival de abraço, beijos e partimos os quatro no que agora se tornou Nave Carrocial das Gays Místicas, o Fiat Idea Roxo, partimos para o Rio de Janeiro-RJ onde o nosso primeiro destino é a Esfinge Fenícia do Brasil, também conhecida, por Pedra da Gávea. O que aconteceu fica para o próximo conto. Hakan e Shazan de narradores, Tep de Literato e, eu, Zod de motorista de táxi, nos tornamos expedicionários. Formando os casais, a equipe está apenas começando.

Diêgo "Mashur Sem-a Pytá" Milhomens





Fátima Tenório Pimentel

Meu interesse pela literatura começou ainda quando criança. Curiosa para conhecer o mundo, descobri nos livros e na escrita lugares nunca antes visitados, dentro e fora de mim.



A CASA

Eu tinha seis anos, seis irmãos, um vazio e uma mãe enlutada. Sentia-me esquecida por essa mãe.

Morávamos em uma casa mal assombrada, ouvíamos sons estranhos e ao passar pela cozinha eu via um rosto no teto.

Eu costumava passar o dia na cadeira de balanço olhando o pé de goiaba ou observando o caos da minha família para saber a hora certa de esconder as facas.

Nesse dia em especial, estava tudo estranho, não tiveram brigas, o céu escureceu mais rápido e chegou a hora de tomar banho, mas tinha medo de ir, eu sabia que o rosto já estaria no teto da cozinha.

Minha mãe precisava dormir para cedo lutar em outro lar no dia seguinte. Enquanto todos dormiam, eu deitada na cama que era dividida para quatro, comecei a ouvir passos na cozinha, senti medo e acordei minha mãe.

Ela levantou-se, acendeu a luz, olhou a cozinha, olhou o quintal pela brecha da porta, nada tinha. Voltou para cama me afirmando que eu podia ficar tranquila, pois não havia coisa alguma além de nós na casa. Geralmente eu sentia pena de ocupar minha mãe, o luto já era pesado, inclusive, nem com o meu próprio luto deixava ela se preocupar. Só que dessa vez depois dela adormecer, eu senti um medo de estremecer todo o corpo. Novamente, acordei minha mãe.

- Mãe, eu tô com medo.

- Seu eu ficar acordada, o seu medo passa?

Eu, com voz de criança ansiosa por alívio disse, sim. Mesmo com as luzes apagadas, com toda escuridão, da casa e dentro de mim, saber que ela estaria acordada, me acalentava.

- Mas, como vou saber se a senhora está acordada?

- Vamos ficar de mãos de dadas, você aperta a minha mão e eu aperto a sua, pra você saber que eu estou aqui, acordada só pra você.

Dormimos com nossas mãos entrelaçadas. Já não lembro mais do rosto no teto da cozinha

Fátima Tenório Pimentel



SAIA NOS JOELHOS

No tempo em que sua filha está na aula de ballet, ela fica sempre sentada na mesma cadeira da cantina. E, quando algum homem passa por ela, costuma puxar, ainda mais, a saia de cumprimento nos joelhos. Não pede um lanche, nem um café, fica parada, como se essa fosse sua única tarefa, esperar.

Ela se lembra do tempo que nem sempre foi assim, o coração esquenta, aperta as pernas, uma culpa com saudade se faz presente, de onde está olha para o professor de natação dando aula na piscina ao lado, sente calor.

- Mãe, vamos, a aula terminou.

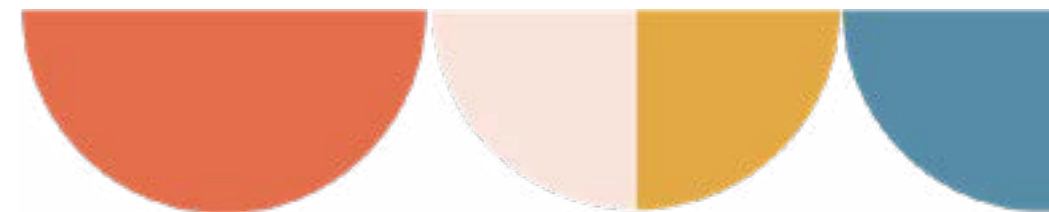
Vão juntas para casa. Ao chegar, esquenta as sobras do almoço para o jantar, coloca o prato para o marido que come assistindo ao jornal.

- Mulher, terminei.

Enquanto vai lavar a louça, o marido com a pele brilhando avisa que vai dormir. Já não toma mais banho, já não existe interesse.

No silêncio, sozinha na cozinha, ela relembra de uma vida que foi só sua. Recorda as experiências que viveu, as quais seu cônjuge nem imaginara, pois conheceu a mulher com saias nos joelhos em meio às vigílias da igreja apresentada como “moça pura”. Mas ela tem passado

Fátima Tenório Pimentel





Elisa Azart

Acredita que a literatura não tem cara. Aqueles que vivem, sabem. Todas as vidas em uma estante, é para isso que escrevo, criar vidas a serem vividas.



ANESTESIA

Hora de dormir, 25 mg, 25 mg e mais 25 mg, é o suficiente para me matar se eu tivesse um pingo de sorte. O gosto artificial toma conta da minha boca e tudo que resta do meu mundo perde forma.

O mundo é fluido, um sentimento que talvez poucas pessoas possam sentir durante a vida, talvez seja um delírio, mas sinto tão real quanto qualquer coisa. As formas perdem a nitidez, contraste, tudo parece um sonho, tudo derrete.

Enquanto as cores se misturam formando um tom morto, eu também vou. Elas, girando e misturando, me tornando um com tudo. O tempo que antes era linear, se perde nas curvas, passando um por cima do outro, como um cadarço, e o futuro e o passado pouco se diferem.

Encosto no relógio, e com meu dedo giro o ponteiro no sentido anti-horário, vejo minha vida toda girando junto com aquele ponteiro e junto com todo resto. De todos os momentos brilhantes e obscuros da minha vida, sinto algo sólido, encosto, tento me agarrar com todas as minhas forças, tento sentir algo além do nada.

Era uma árvore! Uma árvore que resistiu a todo o caos, ainda consigo sentir a textura da madeira, o chão quebrado e o cheiro, tento me lembrar, me esforço pra encontrar onde estou, pra desenterrar essas memórias ocultas no tempo, onde você está? Onde eu estou?

Colégio! Passei a minha vida toda aqui, um sentimento consome a mente, felicidade? Acho que seria felicidade, mas não?!, é tristeza, amei tanto que me entristece só te encontrar aqui nesse fim de mundo, te

ofereceria uma xícara café, mas você é só uma árvore.

Fico ali por uma eternidade, uma ou três vidas, nem sei se faz mais diferença, tudo embaça, era só uma lágrima escorrendo no meu rosto, ela cai no chão, uma onda deforma toda a paisagem e tudo começa a derreter.

Talvez eu devesse correr e abraçar a árvore, mas continuo em pé e imóvel, as cores novamente se misturam, escurecem e ficam turvas, são minha lágrimas, que caem e misturam tudo com a força de uma onda, sinto o frio consumir meu corpo, estou afundando aos poucos.

Não sei nem mais quem sou eu, em um piscar de olhos nada mais existe, minha matéria evapora na escuridão, junto com tudo, sinto que nem posso mais escrever nada, deixo de existir.

Elisa Azart



O FELINO HIPOTÉTICO

Por alguma drástica coincidência do destino, eu tenho alergia ao ser que mais sou apaixonada: Gato.

Apesar das minhas milhares de preces para ter um bichinho, todas foram imediatamente negadas, antes mesmo de tentar justificar tal ato. Então, cresci na minha jaula alergológica longe de qualquer ser que tivesse o corpo coberto de pelos fofinhos.

Quiçá, até digo que cresci sendo uma criança miseravelmente triste e com sonhos reprimidos.

Isso, pelo menos, até eu completar meus 18 anos. Finalmente depois tanto me ser negada a felicidade, tinha a liberdade que outrora nunca tive.

Tive a sorte de no meu primeiro vestibular passar em uma cidade que fica bem longe da minha família, conseqüentemente poderia ter minha própria moradia, e dentro da minha casa eu que mando. E eu estava disposta a fazer tudo por um felino.

Com minha chegada recente a cidade, antes mesmo de comprar minha cama estava em busca da gataiada, acreditava que gatos não seriam tão difíceis de se encontrar, e estava certa, uma gataria total, me sentia em um sonho, porém o que eu não esperava é que eles não gostavam de mim, foram milhares de tentativas frustradas, não encostei nos gatos, nem um dedo, nem uma célula ou átomo.

Decorrente da minha frustração, andei sem rumo na cidade

desconhecida em busca de lugar nenhum, as ruas eram cinzas, não tinha uma ração sequer.

Claro que depois de tanto andar ficaria com fome, busquei uma lanchonete rápida no Google maps e achei uma que ficava em um tal de Sesc. Era uma estrutura colossal, não fazia ideia do que se tratava, mas a fome pouco se importou de onde a comida vinha.

Entrando com um olhar atrofiado fui em direção e uma lanchonete que ficava não muito longe da entrada do local, parecia ser acessível para alguém como eu. Mas algo que nunca poderia esperar minha vida foi algo que vi naquela lanchonete, um gato, lindo, rajado, cheiroso e fofinho.

Nem sentei na mesa e fui seguindo ele, não tinha como fugir de mim, não é como se o tal do Sesc tivesse muitos lugares para fugir, aí que eu me enganei.

O gato saiu correndo e eu respondi a altura, sai correndo atrás do bichano, confiante que esse seria o MEU gato.

Correndo fui em direção a uma piscina, ele passou pela borda, como se estivesse armando uma armadilha mortal pra mim, porém isso não tirou minhas esperanças, o chão molhado era como minas terrestres as quais desviei igual os militares dos filmes de ação, corri em direção a ele quando o bicho pulou uma grade e foi para o outro lado, nunca pulei uma grade antes, mas ao mesmo tempo lembrei que nunca tive um gato antes, era uma oportunidade pra fazer duas coisas pela primeira vez, subi a grade e me joguei, cai no chão igual besouro em dia de chuva, desnorreado, mas segui em frente.

Correndo passou por umas cadeiras e subiu em uma escada rapidamente, essa foi a pior parte, pois não gosto de escadas, subi com dor nas pernas e uma velocidade impressionante, talvez eu fosse vencedora de maior velocista de escadas, porém da mesma forma que o gato subiu, ele desceu, parecia uma piada de mau gosto, me joguei pelos degraus pulando um ou dois, quase bati minha cara no chão, mas minhas habilidades de perseguição que aprendi nos filmes de ação eram impressionantes, continuando a perseguição ele correu em direção ao único caminho que tinha, passando por um teatro e saindo pela grade.

Apesar de correr, a grade era muito grande pra pular, agarrei a grade igual presidiária e me ajoelhei no chão, chorando e aos prantos, outro gato me ludibriou com sucesso, e ainda escapou de uma forma que me humilhou completamente. Talvez eu não tenha sido criada para ter gatos, ou em outra vida eu era um veterinária que realizava castração, mas os gatos realmente não queriam ficar comigo.

Entristecida andei pelas ruas sem rumo, desejando chegar a lugar algum, diante

da maior decepção de toda minha vida. Me encontrei completamente perdida em um turbilhão de sentimentos, e nesse caminho cheguei ao fim em uma catedral da cidade e senti sem esperança, um pombo quase cagou em minha cabeça, na real muitos pombos quase me cagaram, parecia que era o universo rindo da minha cara.

Quando menos percebi sorrateiramente um gato subiu do lado do banco em que estava sentada e deitou, como se minha presença pouco o incomodasse. Meu coração quase parou por alguns segundos, uma mistura de tensão e ansiedade, sem saber exatamente o que eu faria, estaria a vida me humilhando para no final me dar migalhas de felicidade? Estaria eu participando de um quadro do Luciano Huck?

Aproximei minha mão lentamente na cabeça peluda do bichano...

Ele tomou um susto E ME MORDEU, logo após saiu correndo e resmungando alguma coisa que pouca ideia fazia, pois não entendo gatês. Corri direto para o hospital para fazer um curativo em meu braço.

Eu apenas estava triste, arrasada, destruída, acabada, talvez o destino nunca quis que eu tivesse um gato, talvez eu não seja bom o suficiente pra eles, talvez ter gato não seja pra mim.

Elisa Azart



SAPATO DE LUZINHA

Imagine! Aquele sapato de luzinha!

Era caro, mas todo mundo sempre quis sair com aqueles sapatos brilhantes na rua, iluminando a vida das pessoas, ou fazendo inveja para as outras crianças.

Quem dera eu fosse uma criança normal.

Amava aquelas luzes, ficava horas com eles nas mãos batendo na parede apenas para ver as cores, era tão mágico e hipnotizante, que se passava muito tempo e eu continuava lá.

Mas qual é o limite da criatividade? Não existe.

Queria ver aquelas luzes no céu, como uma estrela colorida e brilhante. Usei toda a força que tinha e mandei o mais alto possível, para as estrelas. Que infelizmente estavam na mesma direção do lustre.

Foi muito rápido, o lustre caiu do céu como uma estrela cadente e caiu na minha cabeça, de fato estava finalmente vendo estrelas, para minha sorte e para o desespero de minha mãe. Tive que ir rápido para o hospital, (detalhe importante! Minha cabeça estava vermelha) que bom que eu não me vi no espelho.

Acho que depois do desespero, uma coisa me acalmou, apesar de ter destruído o lustre, o tênis estava intacto! Sapato de luz 1, lustre 0.

Elisa Azart





Lara Raquel Carvalho Ferraz

Tem 20 anos, é discente de Letras e entusiasta de todas as formas de arte. Quer dedicar-se mais ao desenho e a escrita. Para si, a literatura é o espaço de esvaziar a garganta das palavras que ficam presas.



A HORA FAVORITA

O dia começava cedo para Júnio, mas mais ainda aos seus pais. Já estavam fora, quando o menino acordava. Do seu rastro imediato, só os vestígios do café, na porçãozinha restante, reservada ao filho, e na louça lavada, sobre o escorredor, ainda recordando da água. A comida permanecia morna, apesar do espaço vago dos pais, barulhento no vazio, já se tornar frio.

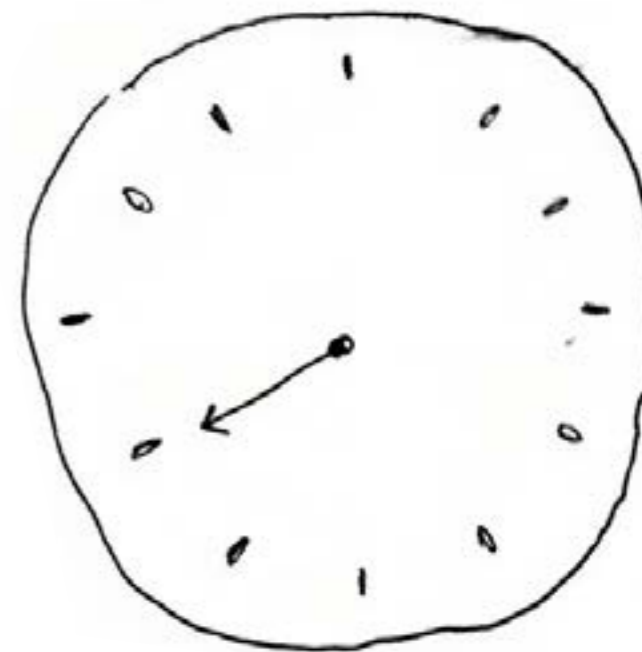
Havia, claro, o bilhete diário de “Bom dia!”, exposto na geladeira; a farda deixada passada, junto aos sapatos lustrados; a mochila e lancheira, prontas, penduradas no cabide da sala. Preparativos bem ordenados, para substituir o carinho e cuidado que a manhã não permitia naturalmente acontecer. Esforços concretos...e, no entanto, ainda intocáveis. Não se confunde a pegada pelo pé, ou por quem a marca.

Júnio acordava cedo para ir à escola. Já seus pais, grandes e complicados como só adultos conseguiam ser, acordavam isso em dobro para ir ao trabalho; ocupações que Júnio não totalmente compreendia (o que, afinal, faz um contador?), não além da descrição mais básica de estar ocupado. Seu trabalho significava estarem distante: distante de vista, de contato, de casa, de Júnio.

Essa, e estas, são as coisas que Júnio compreendia: sua avó estava em casa de manhã, às sete, para o levar à escola, e na escola, às onze, para o levar para casa. Bater o sino do colégio significava vê-la no portão de entrada, com os braços abertos e as linhas do rosto puxadas. Significava andar de mãos dadas, voltar para casa seguindo o rastro do cheiro do almoço; comer assistindo TV; escovar os dentes sobre a vigília da senhora; ter a tarde para brincar, depois de terminado os deveres, desde que não

houvesse prova no dia seguinte, que então significava ser preciso estudar.

Os dias de Júnio eram circunscritos aos típicos prazeres e limites que os mapeavam. Júnio, nisso tudo, era um pequeno cartógrafo, anotando as linhas que compunham sua vida, ao limite do que conseguia notar. Quando brincar, quando comer, quando estar em casa ou distante dela, quando ter os seus bonecos, quando ter que prestar atenção, que esperar, que fechar os olhos e dormir, quando tudo estava para começar novamente.



Mas o que alertava Júnio à sua hora favorita do dia, fora o céu escuro (que, até ela, já ficava daquele jeito por algum tempo), fora o desenho geral do relógio analógico (que Júnio não sabia ainda ler de verdade), fora a sensação indistinta de ter se passado tanto, tanto tempo, desde que o dia começara, era o inconfundível som do girar de chaves, o ruído desafinado das dobradiças do portão da frente, as vozes ao fundo que, enfim, tornam-se reconhecíveis, tornam-se anúncios finais. Então, entram pai e mãe, as costas tortas, os ombros curvados, e, ainda então, com sorrisos nos rostos, reflexos daquilo que o próprio Júnio escancara.

Ver enfim os seus pais, ao final do dia – ou, mais apropriadamente, ao começo da noite – era um alívio, apesar de que Júnio não tivesse, ainda, o vocabulário para alcançar esse sentimento. O que ele sabia era que as vozes dos pais estavam percorrendo a casa, que agora ele podia sentir o seu cheiro, podia abrigar-se em seus braços, podia contar sobre o seu dia, sobre um sonho, sobre um jogo, sobre uma brincadeira. Podia simplesmente falar, sem importar bem o que estava sendo dito, porque o importante mesmo era estar falando àqueles ouvidos, estar sob aqueles olhos, dentro daquele abraço, com aquela companhia. Estar seguro e seguramente amado.

Júnio gostava do almoço, do abraço da avó, de poder jogar videogame, ou correr com os amigos pela quadra. Ele gostava do café deixado pronto, de não ter que arrumar a mochila, de já estar tudo preparado. Mas o que ele gostava mesmo era, à noite, mesmo durando pouco, o momento em que enfim estava com os pais. Como gostaria que aquele ponto no relógio durasse a além de todos os outros, que insistisse em se prolongar, que fosse o suficiente teimoso ou persistente para ao menos equiparar em extensão o outro tempo – em extensão porque, embora pequeno, por si já o compensava em intensidade.

Lara Raquel Carvalho Ferraz

BODAS DE OURO

Conheceram-se jovens. Tinham a mesma idade; uma das suas semelhanças – tipo as covinhas, as pintas do sol, o jeito fechado, os dentes tortos. Porque eram jovens e não sabiam como conversar com outros, completavam-se bem. De repente, havia a confiança de outra pessoa estar tão despreparada quanto você. E por isso foi fácil decidir em descobrir a vida juntos.

O tempo passa devagar em companhia; mas não devagar o bastante. Dividiram os primeiros momentos – mas a morte não vem sempre sincronizada. Talvez então seria menos amedrontadora.

O fim não foi compartilhado, não realmente. Ela segurou as mãos dele dentro das suas – mas suas experiências foram diferentes. Ela viu as subidas frouxas do lençol, o olhar perdido, a colina no monitor. Ele viu... o que viu? Pela primeira vez, ela não soube. Doeu, por não saber sobre ele, mas também por desconhecer para si mesma.

Iria vê-lo, quando fosse sua hora? No primeiro momento, gritava a todo tempo que esse era o seu desejo. Ah, Deus, ah, Deus. Me leva pro meu marido. Seria mais fácil não existir.

Mas então, o que veria? O que tinha visto ele? Doía pensa-lo chegando em um lugar sozinho. Mas doía mais do que dor quando pensava nela mesma vendo vazio.

O agarro às filhas mudou. Não me solte, não me solte. Promete que não vai me deixar ir. A mistura de sofrer de saudade, de querer tê-lo e do desespero de não saber se era ele o que teria.

Tudo o que desbravou, o fez com ele. Não mais. Agora estava sozinha. O desconhecido era só seu. Como foi com ele. Sentiu medo? Sentiu-se sozinho? Desculpe, desculpe por não ter te seguido.

Quando a primeira filha nasceu, ele insistiu em estar ao lado. Onde você vai, eu vou. Quando foi a hora de fechar o caixão, ela não pôde soltar a sua mão. Onde você vai? Onde você vai? A caixa era só para um.

Foi viver com as filhas – se aquilo chamava-se viver. Seu contrário era aterrorizante; mas não era como se ela já não estivesse em terror.

A morte não foi surpresa: a doença não era novidade, o fim veio em presságios. Mas saber não é conhecer. O choque de uma batida ainda é choque se você vê o carro.

Conhecer e não conhecer. Ela não sabia como viver, não mais. Perdeu o seu gêmeo. Andava pendendo para um lado, como quem que perdera o equilíbrio. Sua idade, suas covinhas, as pintas do sol, o jeito fechado, os agora poucos dentes tortos, sua saudade, todos eram só seus. Não sabia se carregar.

Queria ter tido mais bodas, mais do que havia nomes de joias. Queria sentir seu cheiro pela casa. Vê-lo fazer as coisas que a deixavam cega de raiva. Queria tê-lo de novo.

Quando chegou sua vez, tentou ter esse mantra: vou tê-lo de novo, vou tê-lo de novo, vou tê-lo de novo; mesmo que não acreditasse, não realmente. Se não fosse tê-lo de fato, pensou, ao menos teria, novamente, a experiência compartilhada. Seu único falso conforto era que ele já tinha atravessado esta estrada.

Cada filha segurou uma de suas mãos. Assistiam às subidas frouxas do lençol, o olhar perdido, a topografia tortuosa no monitor. Ela pensava no mantra: iria tê-lo de novo, iria tê-lo de novo, iria tê-lo de novo. Queria tê-lo agora.

Pensou no outro fim, quando era ela na cadeira e ele na cama, e, com a claridade de uma memória, da cabeceira, viu-se à frente de si. Ele tinha suas mãos dentro das dela e, de lá, sentia a eterna segurança de não estar sozinho. Como sempre, também agora. No momento em que mais valia.

Em um último sopro, viu as filhas de novo. Para não chorar, sorriu. E foi o que viu.

Lara Raquel Carvalho Ferraz

ESTRELINHA

Era o começo de julho quando Rony escutou que viria a ter um irmãozinho. Um irmãozinho? Como assim? Alguns coleguinhos da escola tinham irmãos mais velhos e irmãos mais novos, mas Rony tinha nada do tipo. Era único na casa. Bem, não mais.

Papai e Mamãe tinham se sentado todos sérios à mesa; Rony achava mesmo que fosse briga – seriam os carrinhos espalhados, a rasteira que deu num vizinho (tudo em espírito de esporte) no campinho, alguma reclamação das tias da escola? Mas não foi nada disso. Esta outra conversa seria, em contraste, um alívio, isso se Rony não tivesse estado tão confuso, frente a ela.

Disseram-lhe que, em algum tempo, viria uma cegonha em casa, entregar um bebê, pequeno como aqueles que às vezes via na sala de espera de sua pediatra. Ele vinha do céu, como, em algum momento anterior, Rony também viera. Mas por quê? Bom, era um presente de Deus.

Uma marca de quanto que Papai e Mamãe se amavam, o mesmo quando da vez de Rony. Nenhum amor era, ou viria a ser, maior do que o outro. A família ia ficar maior, e iria ter amor para todo mundo. Tudo bem, Rony?

Rony não realmente entendeu tudo direito. O tempo era longo demais para se imaginar e o futuro, demais etéreo.

Os dias passaram – aquela conversa retornou, de novo e de novo, como um jardineiro preparando terreno. Brincando com os carrinhos, Papai parou para perguntar se não seria legal ter um outro menino para brincar junto, dividir a brincadeira. De jeito nenhum! Os carrinhos eram só do Rony! Papai não gostou da resposta.

Lavando o cabelo, Mamãe perguntou se Rony ajudaria ela a fazer o mesmo com o irmão ou irmã (e a cegonha trazia na aleatória?), quando chegasse o tempo. Um bebê precisa de todos os cuidados, e mais, que Mamãe prestava a Rony. Proteger os olhos, para que não ardessem; ter cuidado com água no ouvido; enxaguar e enxugar com muito carinho, porque bebês são frágeis.

Eram todas atenções que Rony gostava muito, mesmo que não soubesse nomear a apreciação de estar sendo cuidado. Imaginou que o irmãozinho (ou irmãzinha) ficaria com o mesmo apreço na barriga e disse à Mamãe que sim, ajudaria ela quando fosse a hora do bebê banhar-se. Mamãe gostou da resposta.

A casa mudava. Abria-se espaço no quarto de Rony, mas logo para que se tapasse de novo, e muito mais do que como era antes. Tinha menos lugar para brincar, tomado por um berço, cômodas, bugigangas que decididamente não pertenciam a Rony. Os parentes visitavam e traziam consigo coisas variadas, entretanto iguais no seu destino: não, não eram para Rony. Rony não gostava das respostas.

Vovô riu do bico e rosto fechado. Ora, Rony, o que você vai fazer com um enxoval de bebê!? Agora Rony seria o filho mais velho; precisava demonstrar maturidade e grandeza. Não era mais o menininho: era o Meninão.

Meninão? Rony admitia que não soava mal. Meninão. Não, Papai, Rony não queria mingau.

Ele era Meninão; deixe pro bebê tomar.

Mamãe também mudava. Crescia para todos os lados; inchava como um balão inflável. Mamãe, por que você tá gorda? Rony, não chame sua mãe de gorda! Mas a família ria por todo lado. É o bebê. O bebê? O bebê está na barriga? E a cegonha? O prospecto de seu irmão estar preso lá não era nada legal; não dava para tirá-lo dali?

Não, Rony. Era em...preparação. Sabe como, quando a gata do vovô deu uma ninhada, os gatinhos bebiam leite dos peitos dela? Era isso. Mamãe tinha crescido em preparação, para que quando o bebê chegasse ele também pudesse mamar, ter o que comer. E o mingau? O mingau viria depois; mas Mamãe também tomaria ele, para poder dar ao bebê. Rony achou ser uma das respostas das bem estranhas.

Depois do ano novo, as conversas ficaram mais sérias e marcou-se uma data. Março. Rony contou nos dedos (cata piolhos, fura bolo e maior de todos) os meses que faltavam. Mamãe nunca esteve tão maior. Papai nunca esteve de rosto tão fechado. Vovô e Vovó eram uma eterna companhia, ajudando na arrumação da casa, na cozinha, nos cuidados com o filho que Papai e Mamãe já tinham.

Você tem que ser um bom menino, Rony. Mamãe não pode sair andando e se abaixando pra todo lugar, e Vovô e Vovó já são de idade. Ajude a não bagunçar. E os carrinhos não eram mais espalhados.

Um dia, Mamãe não levantou da cama. Papai e ela saíram de casa de malas, e Rony ficou com os avós. Ele contou de novo os dedos: cata piolhos, fura bolo. Faltava ainda um dedo na contagem.

O dia foi muito, muito longo. A noite também. Rony não conseguia dormir sem o boa noite de Mamãe e Papai. Mas ele tentou mesmo assim, como um Meninão, um Irmãozão faz.

O sono durou pouco. Vovô veio o acordar ainda no meio da noite, antes do céu clarear. Rony se sentia grogue, perdido no tempo, como do jeito que se sente qualquer um, ao acordar de madrugada, antes ou depois da hora, fora da hora, quase fora da realidade. O rosto de Vovô estava sério e triste, da forma de quando um dos bichos de criação dormia e não acordava, e precisava explicar a Rony o porquê de não estar mais em sua casa.

Rony, eu tenho algo para contar. O bebê chegou? – a pergunta era incerta, pelo rosto de Vovô, pelo dedo que faltava ainda na contagem. Sim. Não. O bebê não chegaria mais.

Sua irmãzinha virou uma estrela. Uma estrela? A cegonha errou o lugar? Sim. Não. Teve um problema, e a cegonha não podia mais vir trazer o neném. Nem mês que vêm? (Rony mostrou a contagem: cata piolhos, fura bolo e, enfim, o maior de todos). Não. Nem mês que vêm. Rony não conseguiu entender a resposta.

Ele olhou a janela do quarto; procurou ver as estrelas, quase totalmente obscurecidas no céu urbano. Sua irmãzinha (irmã, ele contemplou) estava lá? Por que não descia? O quarto já estava todo preparado; Rony abdicou tanto espaço. E Mamãe tinha inflado.

Sua mãe vai passar um tempo no médico. Mas seu pai volta amanhã para buscar algumas coisas. (Rony supôs que tinham levado a bolsa errada, se o neném afinal de contas não vinha mais para casa). Vovó está muito triste, mas Vovô quis contar logo, para que você não ficasse sem entender.

Mas Rony não entendia. Nem dava para achar alguma estrela.

Rony pensou em estrelas cadentes. Será que um dia caia uma e sua irmã vinha para casa? Ele desejou que sim – ainda que o céu estivesse vazio, sem estrelas plantadas ou em queda. Espero que minha irmã caia de lá do céu algum dia, Vovô. Tenho meus carrinhos para mostrar.

Lara Raquel Carvalho Ferraz



MEU PAI

Tudo que aprendi sobre meu pai, foi denunciado por alheios, ou assobiado sem querer por entre seus dentes. Não é que meu pai guardasse segredos, mas ele não sabia o que era libertar fatos.

Meu pai falava pouco, ainda que não pudesse ser descrito como um homem quieto. Um único olhar seu podia gritar tanto quanto um urro. Mas suas palavras, quando concretas, eram econômicas. Sim. Não. Não. Inobstante sua quantidade, eram efetivas. Não era difícil de saber quando era hora de calarmo-nos; o essencial.

Meu pai contava suas palavras por trocos; uma contagem sempre atenta, como quem tinha pouco para poder gastar. Queria saber quem fora o economista de sua fala – mas isso, ele também não me disse. Com meu pai, só posso e pude supor.

Meu pai tinha uma cicatriz no pulso, uma linha grossa e rosa, paralela às veias. Nunca me contou nada sobre ela, exceto que tinha fechado o corte com cola industrial. Nem isso era verdade: aprendi mais tarde a não guardar com confiança mesmo o pouco que ele de fato me dava. Meu pai não gostava de falar de si. Foi outro alguém quem me informou o acidente por trás da cicatriz, quão profundos foram a ferida e o período de sua recuperação, que ele precisou de fisioterapia, que ele, o homem que nunca vi chorar e raramente vi sorrir, teve genuína desesperança, que pensou que não iria mais poder trabalhar, que, por um tempo, arrastou-se como um fantasma dentro de casa, achando-se morto antes da morte. Até então, nunca passou por minha cabeça que meu pai também sangrava. Acho que ele também não gostava de pensar nisso.

Meu pai não contou para ninguém que estava doente, antes de morrer. Ninguém soube. Até hoje, não sei se ele sabia. Meu pai não gostava de médicos; talvez por arrogância; talvez por medo. Talvez ele não quisesse se tornar um fantasma vivo novamente. Ou, pior, um fantasma morto. Se médicos são maiores que nós, a morte é ainda mais. É sempre ruim estar à frente de algo fora de nosso controle. Meu pai detestava desobediência. Ele não gostava de ouvir não, ou de não ter suas poucas palavras seguidas. Em casa, meu pai era o rei. Nós eramos nem baixa realeza, nem súditos; éramos os servos. Deus salve o rei. Deus salve a todos nós. Meu pai não era religioso; ou pelo menos nunca o conheci como tal. Certa vez encontrei uma foto muito velha de quando era menino, de terninho, em algum rito da igreja. De um lado, o padre, do outro, o seu próprio pai. Meu avô segurava-o no ombro, este nitidamente rígido. Ninguém sorria. É a única foto em que estão juntos.

Meu pai não falava do passado, tão pouco falava do presente. Quando criança, precisava catar pedacinhos de informação, para conseguir identificar o que era que estava sentindo num determinado momento; se era seguro estar por perto; se era seguro falar. Sabia seu humor pela rigidez de suas sobrancelhas. Um dia, achei que isso significava que eu o conhecia bem. Hoje, sei que não conheço nada. Voltei à arqueologia: tenho que escavar os detalhes perdidos, tentar juntar as peças de um mosaico muito antigo.

No velório de meu pai, escutei relatos de amigos e parentes e vizinhos e colegas, de trabalho, de estudos, quanto antes houvesse sido o ano; gente que não sabia existir. Considerei estar no evento errado, não só pela companhia, mas porque não conhecia o homem de que falavam. Aproximei-me do caixão com um misto meio-real de esperança, mas precisei afastar-me da visão com o mesmo descontentamento sóbrio com que entrei dentro da sala. Lá estava o homem que nunca conheci.

Meu pai não deixou muitas coisas. As memórias que tenho dele são poucas e ácidas. As memórias que têm os outros, parecem impossíveis. Não consigo sobrepor quem escuto a quem eu conheço – ou quem achava conhecer.

Há fotos, mais velhas do que minha vida, quem dirá minha vida com ele, em que o vejo, jovem, sentado numa moto. As imagens que nunca verei ao vivo. Não sabia que já havia tido uma moto. Não sabia que ele sabia como pilotar. É a história da cicatriz, de novo. Que outra coisa ele já teve, ou soube? Que outras coisas fizeram às costas? Que outras coisas lhe aconteceram? Por que eu não sabia disso? Como não sabia que meu pai, em algum momento, também foi humano?

Há, dessas fotos, mais do que consigo encaixar com sucesso na imagem que guardo dele. Meu pai nas costas de um amigo, meu pai com máscara de carnaval, meu pai rindo, meu pai abraçando um filho.

Quando um fato começa e depois termina? Quando um homem desce de uma

motocicleta pela última vez? Quando ele se esquece como brincar? Quando desconsidera o ato de dar carinho?

Sinto ter conhecido uma parte só de si; uma parte inegavelmente insuficiente, em escopo e em qualidade. Fiquei com as sobras. Os farelos malcheirosos. Reconhecer a existência de outras partes de si, quem dirá partes melhores, me assusta tanto quanto o seu terror já me assustou. A verdade é que uvas-passas já foram doces. Pais um dia já sorriram. Me pergunto se um dia também irei sorrir pela última vez.

Meu pai uma vez me disse que o trabalho de uma mãe é cuidar e o de um pai é bancar. Que pais não serviam para nada. Eram as mães que faziam o trabalho todo. Suas palavras, mais que reconhecimento, eram uma renúncia: aqui jaz qualquer outra responsabilidade minha. Lavou suas mãos. Não sei se ainda sentiu nelas resto de fuligem; nunca as estendeu para mim.

Não consigo imagina-lo em nenhum estado além de juiz e carrasco, quem me olha do alto. Quando o penso dentro dessas histórias alheias, dessas fotos e memórias apagadas, não consigo dá-lo o seu rosto. Para mim, esse outro homem estranho é para sempre um anônimo. Irreconhecível. Melhor não-identificado.

Entretanto, penso muitas vezes nesse homem. Pergunto-me se teria sido o meu amigo. Quando era criança, teria gostado de jogar bola comigo? Poderia ser eu levando-o nas costas? Teria chamado-me de parceiro, se não fosse o seu filho?

Meu pai pareceu inofensivo pela primeira vez quando deitado no caixão. Algum instinto meu queria me deter na ombreira das portas, esperando ver como estavam suas sobrancelhas, qual era o seu humor do dia, mesmo sabendo bem que quem estava ali, deitado, nunca mais iria se levantar. Reconhecia o rosto do homem, mas pouco mais além. A camisa de botão cobria-lhe os braços e não pude ver sua cicatriz. Os músculos da face estavam inertes e ele parecia calmo, adormecido. Ele clamou por silêncio por mais uma vez, mas agora pelo respeito que requer um velório. Senti-me fora de lugar, fora da realidade. É difícil de compreender que o que por tanto tempo você achou ser infinito acaba também. Meu pai é um baú de mistérios, não por sigilo ou segredo, mas por razão não melhor que simples desconhecimento. Antes, também agora. Pergunto-me o que mais não sei. Penso se já houve uma chave para lhe abrir, e como terá ela se perdido. Penso sobre o seu passado, e sobre o meu futuro. E continuo tentando entender o meu pai.

Lara Raquel Carvalho Ferraz





Foto: Divulgação

Vânia Ramos

É natural de Mauá - SP, graduada em Ciências Biológicas, atualmente é professora de Ciências. Amante da leitura, participa do grupo Leia Mulheres das cidades de Petrolina - PE e Mauá - SP. Além de atuar como uma das mediadoras do grupo Leia Mulheres de Juazeiro - BA.



a gente tinha que escrever como seria um encontro com ela. A mesma ia fazer a escolha da melhor história. Agora que ganhei, já estou com vergonha só de pensar que ela leu e me escolheu. E agora? Como vai ser esse encontro?

Minha amiga pula de felicidade junto comigo, sabe o quanto isso é importante, nós nos sentamos e começamos a planejar tudo.

Vânia Ramos

O ENCONTRO

- Uau!! Eu nem sei o que pensar, essa notícia é tão fantástica que não estou acreditando.

- O que foi? Conte a história completa, ande, estou curiosa.

Minha amiga me encara aguardando que eu revele o motivo de minha euforia. Estamos sentadas no sofá da sala, ela veio me visitar, fazia tanto tempo que a gente não nos encontrávamos para colocar o papo em dia, dar risadas, aconselhar uma a outra. Fiz o almoço, tudo simples, uma lasanha de frango, nós gostamos sem muito acompanhamento, no máximo uma batata palha. Ela trouxe a sobremesa, torta de chocolate, minha favorita. Nossa vida é uma correria, apesar de não morarmos tão longe uma da outra, esses encontros são raros, ela casada, trabalha e estuda e eu também não paro. Então logo depois do almoço, enquanto estávamos ali sentadas, conversando, com aquele vinho na taça, ouço bater no portão.

-Vânia é aqui?

Respondo: - sim

O correio me entrega um envelope, assino, agradeço, ele segue seu caminho. Entro em casa abrindo e quando vejo tenha aquela reação, começo contar a ela.

- Acabei de ganhar um ingresso para conhecer Carolina, aquela autora que tanto gosto. Ela vai estar no teatro do Sesc em uma roda de conversa, só para convidados. Eu tinha me inscrito em um concurso em que



UMA VIAGEM INTERROMPIDA

Ela vai viajar a trabalho, precisa chegar ao aeroporto às 16h, seu irmão que sempre a leva não tem como ir.

Ela tem medo de pegar uber, mas infelizmente não tem outra maneira de chegar.

No aplicativo aparece o motorista que aceita sua viagem. Na foto um cara de meia idade, tem barba, usa óculos, seu olhar naquele momento já analisa aquela imagem de várias formas negativas, ela compartilha com seu irmão a viagem para que ele possa estar ciente de seus passos. O carro chega, ela entra e o cumprimenta. "Não preciso falar mais nada com ele", pensa.

O motorista começa a puxar conversa, ela responde sempre um pouco ríspida. Ele comenta que acaba de receber uma notícia maravilhosa, sua filha tinha acabado de dizer que havia passado no vestibular. Então começa a contar que estava trabalhando muito, dia e noite, para poder tentar pagar a faculdade, mas sua filha já havia dito que ia estudar bastante para entrar em uma faculdade federal, e que ele não precisaria se preocupar com mensalidades.

Ele contava aquilo todo emocionado, aquela mulher que até então só imaginava coisas ruins sobre aquele homem, começou a ter uma certa admiração pelo pai que ele aparentava ser, quando ia falar sobre como queria ter tido um pai como ele, uma colisão acontece. O carro é atingido e ela apaga, ao acordar ouve as sirenes, a cabeça está doendo muito, coloca sua mão nela e sente o sangue, ela lembra do motorista e grita:

- Moço, moço, não tem nenhuma resposta.

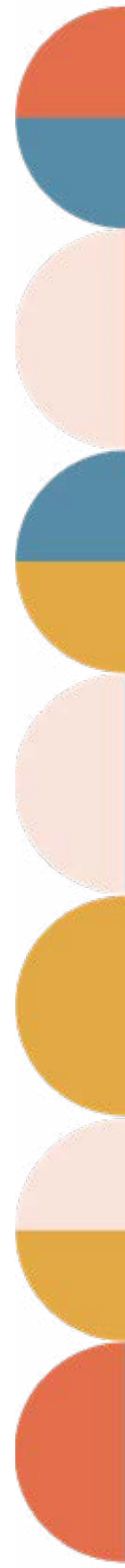
Vânia Ramos





Weslly Pimentel

Acadêmico de Psicologia, apaixonado pela ciência e estudo do ser humano na sua essência. No curso aprendi a ler com mais carinho e sensibilidade.



NÃO ME LEMBRO DA MINHA INFÂNCIA

Uma criança imperativa
Eu estava na praça, meu avô tinha um salão de beleza lá
Eu tinha seis anos
Eu não gostava que meus tios cortassem meu cabelo, ficava estranho
Eu era uma criança muito esfomeada, comia demais
Mas eu não lembro quase nada da minha infância.

Eu atravessei a rua sem olhar para os lados e fui atropelado
Eu não consigo me ver quando criança
Eu jogava gude com os meninos da rua
Eu gostava de altura, andar por cima da casa
Meu primeiro dia de aula meu pai me levou, me senti seguro
Eu não lembro quase nada da minha infância.

Gostava de ir para o rio quando meu avô, meu pai e tio iam pescar
Eu quase me afoguei e meu pai me salvou, quando o susto passou, ele
quase me abraçou
Fomos a uma seresta à noite e eu fiquei chocado
Nossa família ia para casas dos amigos e tinham músicas lá
Quando criança, meu brinquedo era um carro com os bois
Queria mostrar para as meninas que eu era o mais forte e mais rápido
Mas eu não lembro quase nada da minha infância.

Weslly Pimentel



CONTATOS DOS AUTORES

Agnaldo Nunes de Almeida:
@agnaldonunesdealmeida

Ana Júlia Lima:
@anajuliagl

Andréa Karla Menezes:
@andrea.literatura

Antonise Coelho de Aquino:
@antonisecoelho

Ariane Samila Rosa:
@ariane.samila

Diêgo "Mashur Sem-a Pytá" Milhomens:
@diegomashursemapjtamilhomens

Fátima Tenório:
@fatimatenoriop

Elisa Azart:
@elisazart

Lara Raquel Carvalho Ferraz:
@laraquelraquel

Vânia Ramos:
@vania_ramos81

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Presidente do Conselho Nacional – José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO NACIONAL

Diretor Geral – José Carlos Cirilo

Diretora de Programas Sociais – Janaína Helena Cunha Melo

Gerente de Cultura – Verônica Tomsic (interina)

DEPARTAMENTO REGIONAL EM PERNAMBUCO

Presidente – Bernardo Peixoto

Diretor Regional – Oswaldo Ramos

Diretora de Administração e Finanças – Maria do Socorro Chaves da Costa

Diretora de Programas Sociais – Paula Lourenço

Gerente de Cultura – Rudimar Constâncio

Gerente de Comunicação e Marketing – Ana Rosa Cavalcanti

Coordenador de Economia Criativa – Izaias Trajano Neto

Professor II / Literatura – Pedro Francisco Teixeira dos Santos

SESC PETROLINA

Gerente – Jailson de Lima Silva

Professora II - Artes / Literatura – Ariane Samila Rosa

Instrutor de Atividades Artísticas – André Vitor Brandão

Equipe de Cultura – Alexandre Santos, Antônio Novais, Bruna Lima, Camila Yasmine, Candyce Duarte, Fernando Pereira, Lara Rabelo, Leidy Costa, Lys Valentim, Paulo de Melo, Priscila Salvatore

Equipe Técnica – Jackline Alves, Lucylene Lima, Nilzete Miranda, Pedro Creslley e Vinícius Carvalho

FICHA TÉCNICA DA REVISTA DO MEU CANTO, EU CONTO

Curadoria – Ariane Samila Rosa

Autoria dos Textos – Agnaldo Nunes de Almeida, Ana Júlia Lima, Andréa Karla Menezes, Antonise Coelho de Aquino, Diêgo "Mashur Sem-a Pytá" Milhomens, Fátima Tenório Pimentel, Elisa Azart, Lara Raquel Carvalho Ferraz e Vânia Ramos

Designer Gráfico – Marici Valente Seidensticker

Assessoria de Imprensa – Dupla Comunicação / Fabiano Barros

Revisão de Textos – Ariane Samila Rosa

Coordenação Geral – Ariane Samila Rosa



sesc Fecomércio
Senac

Siga-nos! sescpe.org.br @ f y